



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

**RISCOS E VIOLÊNCIA(S) NAS SOCIEDADES ATUAIS: ANÁLISE E
INTERVENÇÃO SOCIAL**

BULLYING E CYBERBULLYING:

PERSPECTIVAS DOS JOVENS DE CAMARATE

LARA SOFIA VIEIRA DA CUNHA

2024

www.ulusofona.pt



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

**RISCOS E VIOLÊNCIA(S) NAS SOCIEDADES ATUAIS: ANÁLISE E
INTERVENÇÃO SOCIAL**

BULLYING E CYBERBULLYING:
PERSPECTIVAS DOS JOVENS DE CAMARATE

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de **Mestrado em Riscos e Violência nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social**, conferido pela Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, no dia 22/11/2024, perante o júri, com o Despacho de Nomeação n.º 937/2024, de 08 de agosto, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Nelson Ramalho
Arguente: Profª. Doutora Jacqueline Marques
Orientador: Profª. Doutora Fátima Gameiro

LARA SOFIA VIEIRA DA CUNHA

2024

www.ulusofona.pt

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecer a todos os alunos que participaram neste estudo e a todos os operacionais de ação direta, docentes e encarregados de educação que se disponibilizaram para ajudar. Quero agradecer ao Professor Doutor Miguel Rodrigues pela orientação, ajuda e aconselhamento. Sem dúvida que sem o seu apoio não estaria aqui hoje. Agradecer também à minha orientadora Professora Doutora Fátima Gameiro pela ajuda e orientação incansável, pela preocupação e motivação que me faltou muitas vezes. Agradecer por fim a todos os que estiveram presentes neste processo, mas especialmente ao meu afilhado, que mesmo sem saber, foi a minha maior motivação.

Mauro e Teresa, é por e para vocês.
Espero que estejam orgulhosos aí em cima.

Resumo

O *bullying* e o *cyberbullying* escolar têm aumentado gradualmente nos últimos anos. É um fenómeno que tem sido o núcleo de inquietação nas escolas, afetando alunos, professores, assistentes operacionais, famílias, assim como toda a comunidade educativa. A escola tem-se vindo assim a apresentar como um local onde ocorrem comportamentos ofensivos e violentos que comprometem valores sociais e familiares. Este tipo de violência inclui comportamentos agressivos, propositados e sistémicos em contexto escolar, sendo praticada entre alunos e tendo implicações tanto para o agressor como para a vítima e as testemunhas, acabando por afetar o seu desempenho na escola e nas relações interpessoais. Perante esta realidade, esta investigação teve como objetivos gerais, caracterizar os comportamentos de *bullying* e *cyberbullying* em jovens da freguesia de Camarate e compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta destes jovens nos comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*. Foi utilizada uma metodologia quantitativa, com recurso ao instrumento *Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber-Vitimação (QBVCV)*. A amostra foi constituída por 319 jovens que frequentam o 2º e o 3º ciclo da Escola Básica de Camarate, incluindo o ensino profissional. Têm idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos, sendo a idade média 12,59. Como resultados, verificou-se que 45,4% dos jovens já se envolveu em comportamentos como agressor de *bullying*, 48,9% já foram vítimas de *bullying*, 18,4% já foram *cyberagressores* e 28,3% já foram vítimas de *cyber agressão*. Os jovens agressores e vítimas de *bullying* são mais novos (2º ciclo) e tendem a residir em habitação arrendada. Conclui-se assim que a intervenção preventiva deve ser promovida o mais precocemente possível (1º ciclo).

Palavras-Chave: *Bullying; Cyberbullying; Jovens; Contexto Escolar; Camarate.*

Abstract

School Bullying and Cyberbullying have gradually increased in recent years. It is a phenomenon that has been the source of concern in schools, affecting students, teachers, operational assistants, families, as well as the entire educational community. The school has thus come to present itself as a place where offensive and violent behaviors occur that compromise social and family values. This type of violence includes aggressive, purposeful and systemic behavior in a school context, being practiced among students and having implications for both the aggressor and the victim and witnesses, ultimately affecting their performance at school and in interpersonal relationships. Given this reality, the general objectives of this investigation were to characterize Bullying and Cyberbullying behaviors in young people in the parish of Camarate and understand what impact the sociodemographic and behavioral characteristics of these young people have on Bullying and Cyberbullying behaviors. The study was based on a quantitative methodology, using the questionnaire survey instrument. The sample was made up of 319 young people attending the 2nd and 3rd Cycle of the Camarate Basic School, including vocational education. They range in age from 8 to 18, with an average age of 12.59. As a result, it was found that 45.4% of young people in the parish of Camarate have already been involved in behaviors such as Bullying, 48.9% have already been victims of Bullying, 18.4% have already been cyberbullies and 28.3% have already were victims of cyber aggression. Young aggressors and victims of Bullying are younger (secondary school) and tend to live in rented housing. It is therefore concluded that preventive intervention must be promoted as early as possible (1st cycle).

Keywords: *Bullying; Cyberbullying; Young people; School context*

ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>SPSS</i>	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
<i>PSP</i>	Polícia de Segurança Pública
<i>GNR</i>	Guarda Nacional Republicana
<i>APAV</i>	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Índice Geral

PARTE I- REVISÃO DA LITERATURA.....	16
Capítulo 1. Violência(s): <i>Bullying e Cyberbullying</i>	17
1.1. Conceito de Adolescência	18
1.1.1. Comportamentos de Risco na Adolescência	19
1.2. Comportamentos de <i>Bullying e Cyberbullying</i>.....	20
1.2.1. <i>Bullying</i>.....	20
1.2.2. <i>Cyberbullying</i>	21
1.3. Fatores de Vulnerabilidade/Risco e de Proteção.....	23
1.3.1. Atributos Individuais.....	23
1.3.2. Família	24
1.3.3. Comunidade	25
1.4. Estado da Arte	25
Parte II- ESTUDO EMPÍRICO	29
Capítulo 2: Objetivos da Investigação.....	30
2.1. Identificação da Problemática de Investigação	31
2.2. Pergunta de Partida.....	33
Capítulo 3. Metodologia	35
3.1. Caracterização da Amostra	36
3.1.1. Caracterização da Área, Concelho e Escola Participante	36
3.1.2. Escola Básica de Camarate	37
3.2. Caracterização da Amostra	39
Gráfico 2. Sexo da Amostra	40
Gráfico 3. Ciclo de estudos frequentado pela Amostra	40
Gráfico 5. Local de Residência	41
Gráfico 6. Agregado Familiar dos Alunos	42
Gráfico 7. Remuneração Familiar Mensal dos Alunos.....	43
Gráfico 8. Consumo/Hábito de Bebidas Alcoólicas dos Alunos	43

Gráfico 9. Consumo/Hábito de Bebidas Alcoólicas dos Alunos	44
Gráfico 10. Consumo/Hábito de Medicamentos dos Alunos	44
Gráfico 11. Jogo/Hábito de Jogar a Dinheiro Online dos Alunos.....	45
3.3. Técnica de Recolha de Dados.....	45
3.3.1. Questionário Sociodemográfico	45
3.3.2. Questionário “ <i>Bullying</i> , Vitimação, <i>Cyberbullying</i> e <i>Cyber-Vitimação</i> ”	46
3.4. Procedimento.....	46
3.5. Análise Estatística	47
Capítulo 4. Resultados.....	49
4.1. Agressores de <i>Bullying</i>	50
Gráfico 12. Comportamentos como Agressores de <i>Bullying</i>	50
4.2. Vítimas de <i>Bullying</i>	50
Gráfico 13. Comportamentos como Vítimas de <i>Bullying</i>	51
4.3. Agressores de <i>Cyberbullying</i>	51
Gráfico 14. Comportamentos como Agressores de <i>Cyberbullying</i>	51
4.4. Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	51
Gráfico 15. Comportamentos como Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	52
4.5. Características Sociodemográficas e Comportamentais do Agressor/Vítima de <i>Bullying/Cyberbullying</i>	52
4.5.1. Sexo	52
4.5.1.1. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	52
Gráfico 16. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	53
4.5.1.2. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	53
Gráfico 17. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	53
4.5.1.3. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	54
Gráfico 18. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	54
4.5.1.4. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	54
Gráfico 19. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	55

4.5.2. Idade	55
4.5.2.1. Idade dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	55
4.5.2.2. Idade dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	55
4.5.2.3. Idade dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	55
4.5.2.4. Idade dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	55
4.5.3. Ciclo de Estudos	56
4.5.3.1. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	56
Gráfico 20. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	56
4.5.3.2. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	56
Gráfico 21. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	57
4.5.3.3. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	57
4.5.3.4. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	57
4.5.4. Reprovações.....	57
4.5.4.1. Reprovações dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	57
4.5.4.2. Reprovações dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	57
4.5.4.3. Reprovações dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	58
4.5.4.4. Reprovações dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	58
4.5.5. Tipo de Residência	58
4.5.5.1. Tipo de Residência dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	58
4.5.5.2. Tipo de Residência dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	59
4.5.5.3. Tipo de Residência dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	59
4.5.5.4. Tipo de Residência dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	59
4.5.6. Número de Pessoas que Compõem o Agregado Familiar.....	59
4.5.6.1. Agregado Familiar dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	59
4.5.6.2. Agregado Familiar dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	59
4.5.6.3. Agregado Familiar dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	59
4.5.6.4. Agregado Familiar dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	60
4.5.7. Remuneração Familiar Mensal.....	60

4.5.7.1. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	60
4.5.7.2. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	60
4.5.7.3. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i> 60	
4.5.7.4. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	60
4.5.8. Consumo de Bebidas Alcoólicas.....	61
4.5.8.1. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	61
4.5.8.2. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	61
4.5.8.3. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i> 61	
4.5.8.4. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i> ...	61
4.5.9. Consumo de Drogas.....	61
4.5.9.1. Consumo de Drogas dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	61
4.5.9.2. Consumo de Drogas dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	62
4.5.9.3. Consumo de Drogas dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	62
4.5.9.4. Consumo de Drogas dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	62
4.5.10. Consumo de Medicamentos.....	62
4.5.10.1. Consumo de Medicamentos dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	62
4.5.10.2. Consumo de Medicamentos dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	62
4.5.10.3. Consumo de Medicamentos dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i> ...	62
4.5.10.4. Consumo de Medicamentos dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	63
4.5.11. Jogo <i>Online</i>	63
4.5.11.1. Jogo/Hábito de Jogo <i>Online</i> dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	63
4.5.11.2. Jogo/Hábito de Jogo <i>Online</i> dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	63
4.5.11.3. Jogo/Hábito de Jogo <i>Online</i> dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i> ...	63
4.5.11.4. Jogo/Hábito de Jogo <i>Online</i> dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	63
Capítulo 5. Discussão dos Resultados.....	64
Conclusão	71
Referências Bibliográficas.....	72
Anexo	82

Anexo I. Questionário de <i>Bullying</i>, <i>Vitimação</i>, <i>Cyberbullying</i> e <i>Cyber-Vitimação</i>	83
Apêndices.....	85
Apêndice I. Consentimento Informado	86
Apêndice II. Pedido para Investigação em Instituição	87
Apêndice III. Protocolo de Investigação em Instituição	89

INDÍCE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Idade da Amostra.....	39
Gráfico 2. Sexo da Amostra	40
Gráfico 3. Ciclo de estudos frequentado pela Amostra	40
Gráfico 4. Número de Reprovações da Amostra	41
Gráfico 5. Local de Residência	41
Gráfico 6. Agregado Familiar dos Alunos.....	42
Gráfico 7. Remuneração Familiar Mensal dos Alunos.....	43
Gráfico 8. Consumo/Hábito de Bebidas Alcoólicas dos Alunos	43
Gráfico 9. Consumo/Hábito de Bebidas Alcoólicas dos Alunos	44
Gráfico 10. Consumo/Hábito de Medicamentos dos Alunos.....	44
Gráfico 11. Jogo/Hábito de Jogar a Dinheiro Online dos Alunos.....	45
Gráfico 12. Comportamentos como Agressores de <i>Bullying</i>	50
Gráfico 13. Comportamentos como Vítimas de <i>Bullying</i>	51
Gráfico 14. Comportamentos como Agressores de <i>Cyberbullying</i>	51
Gráfico 15. Comportamentos como Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	52
Gráfico 16. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	53
Gráfico 17. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	53
Gráfico 18. Sexo dos Jovens Agressores de <i>Cyberbullying</i>	54
Gráfico 19. Sexo dos Jovens Vítimas de <i>Cyberbullying</i>	55
Gráfico 20. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de <i>Bullying</i>	56
Gráfico 21. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de <i>Bullying</i>	57

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar as perceções que os jovens da freguesia de Camarate possuem sobre o *Bullying* e *Cyberbullying*.

O *Bullying* pode ser definido como um tipo específico de violência, ou uma subcategoria do comportamento agressivo que, embora não ocorra apenas no espaço escolar, tem nele as suas principais expressões (Lopez et al., 2011). Segundo Olweus, o *Bullying* é um grave e complexo problema social, que se refere a situações onde são utilizadas a violência física e/ou psicológica contra um indivíduo ou um grupo, de modo repetitivo e intencional, onde os envolvidos se encontram em desigualdade de poder (cit in Alcantara et al., 2019). Além desses três fatores que caracterizam o *Bullying*, pode considerar-se a ausência de motivação como um elemento que contempla essa violência (Barros, & Bessa, 2021). Ou seja, por mais que seja possível identificar aspetos comuns aos estudantes que são vítimas da violência (como por exemplo, obesidade), estes não são considerados mobilizadores do *Bullying* (Bazzo, 2020).

Derivado deste mesmo conceito, surge o *Cyberbullying*. Podemos considerá-lo “um ato agressivo, intencional, levado a cabo por um grupo ou por um indivíduo, com recurso à utilização de dispositivos eletrónicos, repetidamente ao longo do tempo contra uma vítima, ou várias, que não se conseguem defender facilmente” (Hinduja, & Patchin, 2017, p.147). O conceito de *Cyberbullying* é considerado ambíguo por diversos autores e por isso surgem diferentes tipologias do mesmo, sendo a mais consensual, a classificação apresentada por Willard (2007), que contempla, o *flaming*, que consiste em enviar mensagens vulgares e com raiva acerca de uma pessoa; o assédio *online*, que significa enviar de forma repetida a uma pessoa mensagens ofensivas; a perseguição no ciberespaço, que inclui ameaças de dano ou muito intimidantes; a denigração, que se caracteriza pelo envio de declarações prejudiciais ou cruéis sobre uma pessoa para outras pessoas; a dissimulação, que consiste em fingir ser outra pessoa e enviar ou publicar material *online* sobre o outro sujeito; o *outing*, que é enviar ou publicar *online* mensagens ou imagens que contêm informação sensível e privada de uma pessoa; e por fim a exclusão, que consiste em excluir de modo cruel um indivíduo de um grupo *online*.

Segundo a Escola Segura, órgão representativo da Polícia de Segurança Pública (PSP) em âmbito escolar, no ano de 2023 existiram 2.718 ocorrências, 138 das quais relacionadas com situações de *Bullying* (5,1%) e 38 com situações de *Cyberbullying* (1,4%). No ano letivo de

22/23, foram realizadas mais de 6200 ações de sensibilização, que contaram com 120.394 participantes da comunidade escolar (PSP, 2023).

A Guarda Nacional Republicana também contribuiu para a estatística, intervindo assim em 140 crimes de *Bullying* e *Cyberbullying* em contexto escolar. Como forma de prevenção, esta força de segurança militarizada desenvolveu 1285 iniciativas, direcionadas a 52.652 crianças, jovens e adultos em contexto escolar, como forma de sensibilização a estas problemáticas (GNR, 2023).

A associação de Apoio à Vítima, entre os anos de 2020 a 2022, verificou um aumento de casos de violência em âmbito escolar. Em 2020 registaram 42 casos, em 2021, 67 casos e por fim, 118 casos em 2022, onde se nota um aumento de mais de 181% de casos, tendo sido 227 o número de vítimas ajudadas nestes três anos. O perfil da vítima traçado pela APAV mostra que a maioria é do sexo feminino (51,1%), com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos (55,1%), de nacionalidade portuguesa (81,1%) e que reportam agressões entre colegas da escola (62,6%). Os distritos de origem das vítimas com maior destaque são Lisboa (29,1%), Porto (16,3%) e Braga (6,6%) (APAV, 2023).

Apesar de mais de 50% das situações terem ocorrido com jovens entre os 11 e os 17 anos, a APAV chama a atenção para 46 situações em que as vítimas tinham entre seis e 10 anos. Em relação ao(s) autor(es) dos atos de *Bullying*, a APAV identifica 257 pessoas, a maior parte do sexo masculino. Em 70,9% dos casos, o autor da situação de *Bullying* era da mesma escola e da mesma turma que a vítima. Predomina a violência verbal (37,8%), embora a violência física também seja de destacar (32,7%). Em 81,7% das situações, esta prática de *Bullying* ocorreu no estabelecimento de ensino (APAV, 2023).

Esta investigação tem como objetivos gerais caracterizar os comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* em jovens da freguesia de Camarate e compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta destes jovens nos comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*. No que diz respeito aos objetivos específicos, pretende-se analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como agressores e como vítimas de *Bullying*, se os jovens se envolvem em comportamentos como agressores e como vítimas de *Cyberbullying* e analisar se as características sociodemográficas e comportamentais dos jovens retratam diferentes envolvimentos face a agressor/vítima de *Bullying/Cyberbullying*

A escolha desta problemática visa a sensibilização e o alerta para este tipo de violência, não só pela gravidade da mesma e pelas repercussões que pode ter na vida destes estudantes, como também pela repetição consecutiva que tanto testemunhamos em notícias, redes sociais

ou até por relatos de amigos ou familiares. Visto que os artigos existentes relativos à temática em territórios específicos são escassos, a discente pretende contribuir para o aumento da investigação, promovendo a perceção e eventual contribuição para o planeamento de alternativas locais e, eventualmente, nacionais desta forma de violência que afeta tantos jovens ultimamente.

O presente estudo está estruturado em duas partes. Uma primeira onde se apresenta a revisão teórica relacionada com a violência e o fenómeno do *Bullying* e do *Cyberbullying*. São especificados os seus fatores de risco e os diferentes tipos, como também a caracterização do panorama português e alguns dados estatísticos que fundamentem os mesmos.

A segunda parte da investigação destina-se à vertente empírica, composta pelos objetivos gerais e específicos, sendo identificadas a pertinência e a problemática da investigação, com posterior descrição da metodologia adotada, segmentada no desenho de investigação escolhido, descrição das variáveis, características da população e amostra, instrumentos de avaliação e técnicas de recolha de dados utilizadas. Segue-se uma descrição do procedimento da realização do estudo e a descrição da análise estatística em conformidade com as características da amostra e os objetivos da investigação. De seguida são apresentados os resultados obtidos e promovida a sua interpretação e discussão. Por fim elaboram-se as considerações finais sobre o estudo, são apresentadas as limitações e propostas algumas sugestões para estudos futuros. Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas que suportam a investigação.

PARTE I- REVISÃO DA LITERATURA

Capítulo 1. Violência(s): *Bullying e Cyberbullying*

Neste capítulo são abordados os conceitos de adolescência e elencados os comportamentos de risco associados, depois são apresentados os conceitos de violência, mais especificamente o *Bullying* e o *Cyberbullying*, retratando o seu percurso histórico e as tipologias deste fenómeno. Posteriormente são definidos os fatores de risco nas suas várias vertentes.

1.1. Conceito de Adolescência

“Adolescente” deriva da palavra latina “*adolescere*” que significa crescer, desenvolver-se (Costa, 2019). No geral não existe um consenso no que diz respeito à definição deste conceito, sendo globalmente referido que esta é uma etapa intermédia entre a infância e a idade adulta. Sendo assim a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2013) situa a adolescência no período entre os 10 e 19 anos, definindo-a assim como uma etapa biopsicossocial na qual ocorrem transformações a nível físico, cognitivo e emocional (Carvalho et al., 2017).

As fases da vida são construídas socialmente, sendo que neste contexto a adolescência é frequentemente caracterizada como uma fase de instabilidade, na qual o adolescente vivencia alterações corporais e neste sentido gera-se um ciclo de desorganização e reorganização do seu sistema psíquico e social (Costa, 2019). Neste processo de desenvolvimento, o adolescente questiona-se sobre a sua existência e sobre a sua identidade (Costa, 2019).

Nesta fase de construção de identidade, o adolescente procura a sua realização pessoal, sentir-se bem com o seu corpo, o desenvolvimento intelectual, e sentir-se bem emocionalmente, procurando frequentemente o reconhecimento por parte das pessoas significativas presentes na sua vida (Sawaia & Silva, 2015). Neste sentido poderão surgir alguns conflitos, por parte do adolescente, no decorrer da sua incompreensão no que diz respeito à sua identidade, sendo nesta fase essencial um esforço por parte do mesmo para uma maior adaptação a tudo o que o rodeia. Neste contexto encontramos-nos perante um esforço assumido como essencial, pois o adolescente terá de se adaptar emocionalmente ao contexto familiar, escolar, dos pares, dos diferentes agentes culturais e da sociedade no geral (Sawaia & Silva, 2015).

A adolescência apresenta-se como uma fase com características próprias ao nível do desenvolvimento biológico, psicológico e social, e com tarefas bem definidas, destacando-se assim como essenciais a autonomia e a construção de identidade (Matos, & Lemgruber, 2017). O desenvolvimento da autonomia será responsável por permitir que o adolescente aprenda melhor a utilizar os seus recursos de modo a cuidar-se e a abastecer-se, procurando sempre o prazer e eliminando o desconforto (Matos, & Lemgruber, 2017). É assim uma fase na qual é normal este se afastar da segurança do seio familiar e se aproximar progressivamente ao grupo de pares, sendo este grupo

um elemento essencial à autonomização do mesmo. A aproximação ao grupo de pares permite interação e troca de ideias, possibilitando identificações sobre a mudança e experiências ao adolescente.

Assim, o estilo de vida, os hábitos, as competências sociais e as estratégias de comunicação são essenciais na educação nesta fase desenvolvimental. Se algum destes aspetos falhar, é possível que existam perturbações a nível da saúde (Carvalho et al., 2017).

1.1.1. Comportamentos de Risco na Adolescência

Os adolescentes são frequentemente vistos como um grupo de risco, especialmente se o grupo se envolver em comportamentos que prejudiquem a sua saúde, tais como, fumar, consumir substâncias psicoativas, dietas comprometedoras, agressão física e atividade sexual precoce. Esses comportamentos podem trazer problemas a longo prazo e, por isso, têm sido estudados por diversos investigadores (Marques, 2021a).

A literatura de referência define comportamentos de risco como qualquer atividade realizada por um indivíduo que, com a regularidade e intensidade “necessária”, aumenta o risco de doença ou acidente. Os riscos são atribuídos a acontecimentos ou alterações que capacitem a probabilidade de um comportamento indesejado se verificar num grupo de pessoas de risco, mas não necessariamente em todos os elementos desse mesmo grupo (Sawaia & Silva, 2015).

Não é possível estabelecer um padrão entre um fator de risco e a saúde, visto que a mesma é fruto de relações sistémicas que são inerentes ao indivíduo, sejam as mesmas estruturais ou dependentes das suas intenções, emoções e expectativas, ou inerentes ao meio ambiente que o rodeia. O principal fator de risco existente é o comportamento humano, e por isso mesmo, os comportamentos adotados pelo indivíduo vão-se instalando ao longo do seu desenvolvimento (Trevisol et al., 2018).

Principalmente quando estão em falta exemplos de uma figura adulta de referência na família, os adolescentes são mais vulneráveis às influências externas, tornando-se num alvo, por exemplo, da televisão, internet, música, e colocando-se numa posição fragilizada face ao consumismo e a mensagens de sexualidade e violência que possam ser transmitidas por estes meios (Rodrigues, 2017).

Os meios de comunicação possuem um papel muito importante como agentes de educação e socialização, mas por vezes, transmitem ideias que não são realistas. Dado que os fatores de risco se referem a causas simples, pode acontecer que a prevenção do mesmo face a uma doença, possa ser um fator de risco face a outra, por exemplo, o exercício físico previne

doenças cardiovasculares, mas é prejudicial para as doenças osteoarticulares realistas (Costa, 2019).

É reportado por diversos autores que os adolescentes recorrem frequentemente às redes sociais e às novas tecnologias para demonstrarem comportamentos violentos, tais como, o *Bullying* e o *Cyberbullying* (Marques, 2021a).

1.2. Comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*

Neste ponto vamos conceptualizar a problemática do *Bullying* e do *Cyberbullying*. Apesar de interligados, decidimos apresentar os seus conteúdos e dinâmicas de forma particularizada e detalhada, através da visão articulada de diversos autores.

1.2.1. *Bullying*

O conceito de *Bullying* escolar começou a ser estudado pelo psicólogo sueco Dan Olweus, utilizando um questionário de comportamentos de vitimização/agressão. Este conceito é considerado como parte do comportamento agressivo, existindo algumas características que o especificam (Olweus, 2013). Assim, o *Bullying* tem sido qualificado através de vários critérios, tais como: a intencionalidade do comportamento, ou seja, uma ação propositada de infligir danos ou desconforto no outro; a sua repetição ao longo do tempo; e também o desequilíbrio de poder, no qual alguém que é considerado mais forte domina outro indivíduo que é percebido como mais fraco (Olweus, 2013).

O desequilíbrio de poder pode ser demonstrado através de inúmeras formas, como uma vantagem física através da idade, da força e do tamanho; o seu estatuto social de popular no grupo em que se insere em relação a um aluno menos popular, ou até a superioridade numérica, como um grande conjunto de elementos de um grupo contra um alvo que não tem qualquer tipo de defesa (Ybarra et al., 2014).

Para que se enriqueça esta fundamentação sobre o conceito *Bullying*, procura-se fazer uma descrição relacional sistémica desse fenómeno. Esta descrição está pautada no modelo sistémico, que se fundamenta nos pressupostos de complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Hunt et al., 2017). Partindo deste princípio, uma análise sistémica do *Bullying* é considerada através da complexidade das relações entre os vários sistemas envolvidos na situação: o alvo, o autor, as testemunhas, a(s) turma(s) envolvida(s), o/a(s) professor/a(s), a escola, as famílias dos envolvidos, a comunidade à qual pertence a escola, a cultura na qual estão inseridos, as regras e os valores (Hunt et al, 2017).

Este fenómeno pode dividir-se em variadas formas, sendo as principais o *Bullying* direto e o *Bullying* indireto (Faria, 2015). O *Bullying* direto pode manifestar-se em violência física ou psicológica, onde existe um confronto direto entre agressor e vítima, havendo comportamentos como injuriar e insultar o outro. Já o *Bullying* indireto é considerado algo mais disfarçado, tornando-se menos visível e é normalmente realizado por uma terceira pessoa, ou sem confronto, levando à exclusão ou rejeição da vítima por parte de um grupo (Matos & Equipa Aventura Social, 2018).

Existem quatro tipos de *Bullying* tipificados: *bullies* (os que promovem *Bullying*); vítimas, *bully-vítimas* (agressores e vítimas) e não-envolvidos (testemunhas).

Baseiam-se em diferenças de género, idades, estatutos socioeconómicos e sociais, bem como a falta de apoio dada à criança no seu seio familiar e no ambiente escolar (Coelho et al., 2018). Crianças com maior índice de vitimização por parte dos pares e jovens que sofreram de maus-tratos têm maior probabilidade de se tornarem *bullies*, tanto as vítimas como os agressores revelam uma maior taxa de comportamentos agressivos e anti sociais (Marques, 2017).

Relativamente às diferenças de género, o sexo masculino é mais predominante nos três grandes grupos: *bullies*, vítimas e *bully-vítimas*. Já as raparigas são protagonistas do *Bullying* psicológico e indireto, vertente essa que por vezes é subestimada e não é atribuída a sua devida importância (Vaz, 2020).

Em relação às características dos *bullies*, as mesmas refletem-se num maior índice de violência fora do ambiente escolar, algo que se intensifica com a má relação que os mesmos têm com os seus progenitores e amigos; o consumo de drogas, álcool e tabaco e sobretudo, pelas queixas e sintomas de desgaste físico (Pequeno, 2016).

De acordo com Villa Gil (2020), o *Bullying* apresenta-se como um fenómeno complexo, “(...) difícil de etiquetar previamente de forma protocolizada, porque as causas podem ser diversas” (p.10). Todas estas consequências são agravadas com o elevado consumo de meios tecnológicos e de comunicação, o que significa que o *Bullying* já não é limitado só ao espaço escolar e físico, transformando-se assim em *Cyberbullying* (Villa Gil, 2020).

1.2.2. Cyberbullying

Ao longo dos anos o desenvolvimento das tecnologias tem aumentado substancialmente. Cada vez mais surgem novas plataformas digitais onde os indivíduos podem partilhar vários momentos do seu dia a dia e a sua vida pessoal (Pessoa et al., 2017). Apesar dos benefícios que a *internet* traz, principalmente nos dias de hoje, a má utilização da mesma pode gerar conflitos

e inseguranças nos seus usuários, na maioria jovens, visto que pode ser um mote para várias situações desagradáveis onde predomine a violência (Dias & Cadime, 2017).

Este tipo de violência é denominado de *Cyberbullying*, e é considerada uma vertente do *Bullying*. O *Cyberbullying* é um tipo de violência realizado através de meios tecnológicos, onde prevalecem comportamentos intencionalmente cruéis e repetitivos (Seixas et al., 2016). Para este tipo de violência ser considerado “*Bullying* informático”, o mesmo deve atender a diversos critérios como a intenção do agressor em magoar a vítima, ofendendo-a e obedecendo a um padrão repetitivo de atitudes negativas (Fernandes et al., 2016). Visto o mesmo ser realizado através de meios digitais, não existe contacto direto entre vítima e agressor, o que torna mais difícil a identificação dos intervenientes.

É assim tido em consideração, por diversos autores, que os adolescentes e jovens recorrem bastante às redes sociais e às novas tecnologias para demonstrarem comportamentos violentos, englobado neles o *Bullying*, que contém várias adversidades que tornam este fenómeno difícil de obter solução (Silva, 2016). A intimidação pode ser assustadora, visto que os jovens enfrentam frequentemente todas estas situações normalmente por si só. Assim sendo, o *Cyberbullying* pode ser traumatizante, visto que o mesmo pode passar despercebido durante imenso tempo (Olweus, 2013).

O *Cyberbullying*, apesar de muitas vezes associado ao ambiente escolar, compreende uma situação em que a vítima poderá não ficar exposta a só um grupo limitado de alunos, mas sim à agressão e humilhação de milhares de pessoas da rede mundial (Ribeiro et al., 2015). Ao contrário de outras formas existentes do *Bullying*, a *cyber*-agressão pode maximizar a problemática, visto que os insultos e agressões podem entrar no mundo *online*, através de filmagens e publicações onde a maior parte das vezes a vítima nem é (re)conhecida (Matos, & Lemgruber, 2017).

Segundo Willard (2007), o *cyberbullying* contempla, o *flaming*, que consiste em enviar mensagens vulgares e com raiva acerca de uma pessoa; o assédio *online*, que significa enviar de forma repetida a uma pessoa mensagens ofensivas; a perseguição no ciberespaço, que inclui ameaças de dano ou muito intimidantes; a denigração, que se caracteriza pelo envio de declarações prejudiciais ou cruéis sobre uma pessoa para outras pessoas; a dissimulação, que consiste em fingir ser outra pessoa e enviar ou publicar material *online* sobre o outro sujeito; o *outing*, que é enviar ou publicar *online* mensagens ou imagens que contêm informação sensível e privada de uma pessoa; e por fim a exclusão, que consiste em excluir de modo cruel um indivíduo de um grupo *online*.

Já segundo Marques (2021b), podemos identificar sete tipos de *Cyberbullying*: 1) Manifestação de ódio através do envio de mensagens; 2) Assédio por parte de mensagens ofensivas; 3) Difamação em páginas *web* para denegrir intencionalmente a imagem da vítima; 4) Criação/apropriação da conta da vítima para o envio de mensagens, fazendo-se passar pela mesma; 5) Exposição de informações confidenciais e assédio através de mensagens (“*sexting*”); 6) Exclusão intencional da vítima em grupos de *chat* ou jogos; e, 7) Envio repetido de mensagens invasivas ou que ameacem a integridade física da vítima.

Relativamente às formas de exposição, são identificados todos os meios de comunicação digital conhecidos, tais como, chamadas e mensagens, *emails*, *blogs*, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros (Trevisol et al., 2018). Restringir a utilização destes meios ao agressor pode não ser a melhor situação, visto que a sua utilização pode ser benéfica para obtenção de fins vantajosos para os próprios, como por exemplo, aumentar o seu conhecimento, como também pode resultar num surto de agressividade e ansiedade extrema.

O ambiente familiar equilibrado e o apoio escolar podem potenciar a prevenção destas situações e alertar os jovens para a toxicidade que a utilização em excesso destas vias de exposição e comunicação podem despoletar (Fernandes et al., 2016).

É realmente importante estudar e analisar estes comportamentos no seio escolar, investindo na sua prevenção e intervenção. O apoio baseado na parentalidade positiva como meio de proteção em qualquer fase da vida do jovem, previne as crianças de sofrerem de episódios de discriminação, como também as educa a não se tornarem em alguém que os pratica. Esta preocupação refere a resiliência como meio de extinção aos efeitos nocivos do *Bullying* e do *Cyberbullying* (Zych et al., 2018).

1.3. Fatores de Vulnerabilidade/Risco e de Proteção

Existe uma diversidade de fatores que facilitam a compreensão da posição que a vítima ou o agressor adota. Estes fatores de risco são normalmente simplificadores do aparecimento de comportamentos de *Bullying* onde o fator protetor varia apenas na forma de proteção. Os fatores individuais, familiares, sociais e contextuais podem ou não contribuir para promover situações de violência (Luthar, 2015).

1.3.1. Atributos Individuais

Relativamente aos fatores individuais, a inteligência é o recurso mais comum. Jovens em que se comprove que o seu quociente de inteligência (QI) é mais elevado, tendem a

envolver-se menos em comportamentos considerados delinquentes. Contudo, nada impede que o ambiente em que os mesmos se encontram, possa influenciar esse aspeto (Tofi et al., 2016).

O temperamento de uma criança influencia em grande parte a forma como a mesma compreende o *Bullying*, visto que este comanda a forma como a mesma age e reage (Sander set al., 2017). É bastante mais propenso uma criança impulsiva tornar-se agressora do que uma criança considerada ponderada. A falta de empatia para com o outro é também considerada um fator de risco devido à incapacidade de sentir a dor que é causada no outro (Liebenberg et al., 2017).

Também podemos considerar outros fatores associados à agressão tais como: a necessidade de ser o centro das atenções, a aquisição de bens e pertences, o desejo de dominar e controlar o outro e a necessidade de aprovação constante do grupo de pares (Sander set al., 2017). A resiliência pode ser um suporte positivo para o jovem ultrapassar qualquer adversidade, facilitando o *coping* adaptado e a sua capacidade física e social/pessoal. Para isso, a criança necessita de um meio envolvente estável, para que a mesma se possa desenvolver de uma forma saudável (Luthar, 2015).

1.3.2. Família

Relativamente aos fatores familiares, aqui têm influência os valores e crenças que são transmitidos às crianças e aos adolescentes/jovens. A família pode ser um meio de transmissão de aspetos positivos, como a aceitação, empatia e compreensão pelo outro, mas também de aspetos negativos, como a indiferença, a superioridade e a promoção de conflitos (Sander set al., 2017). A falta de afeto positivo, de atenção e de controlo por parte dos familiares pode facilitar a iniciação de comportamentos de *Bullying* (Fernández et al., 2019). Também a permissão de certos comportamentos por parte das figuras parentais pode comprometer a aquisição e a noção de limites relativamente a si próprio e aos outros, acabando por levar o adolescente/jovem a agir de forma irresponsável e influenciando assim o crescimento de competências autogénicas essenciais ao seu desenvolvimento (Ungar, 2016). A proteção excessiva pode também associar-se à vitimização. Esta sobre proteção impede que a criança aprenda a gerir situações de conflito e desenvolva confiança nela própria para controlar a situação onde se insere. Esta superproteção parental interfere no desenvolvimento das competências de autonomia destas crianças, promovendo assim insegurança na ausência das figuras de referência (Tofi et al., 2016).

Por outro lado, na presença de modelos educativos inadequados, baseados na violência, negligência, abandono, entre outros, este comportamento também é impulsionado. Se a agressão for utilizada frequentemente dentro da dinâmica familiar, é natural para a criança

imitar esses comportamentos em contextos exteriores à família, como acontece no âmbito escolar (Liebenberg et al., 2017).

1.3.3. Comunidade

A dimensão comunitária é um fator que não pode ser desvalorizado. A importância dos cuidados infantis, sobretudo nos primeiros anos de vida, influenciam a sua qualidade de vida, particularmente nas famílias com uma condição de vida mais desfavorecida e que apresentem elevados níveis de risco. Relações positivas com o ambiente escolar e as pessoas que nele estão envolvidas melhoram a resiliência e trazem resultados positivos a todos os que nele se inserem (Ungar, 2016).

A escola, apesar de ser um lugar para a consciencialização do *Bullying* e de outras problemáticas, onde se desenvolvem competências pessoais e académicas com o intuito de prevenir e solucionar situações de risco junto da comunidade educativa, também pode ser o local principal de condutas violentas (Hinduja & Patchin, 2017).

Tal como outras formas de violência que temos conhecimento, a exposição à violência existente na comunidade, agrava diversos problemas, tais como, o absentismo, o insucesso escolar, a existência de grupos de risco e a falta de sentimento de pertença àquela comunidade (Luthar, 2015). De acordo com o mesmo autor (Luthar, 2015) quanto mais riscos existirem na presença do indivíduo, maior é a probabilidade de o mesmo atuar de uma forma violenta.

1.4. Estado da Arte

Neste ponto vamos apresentar e analisar alguns estudos que servem de base e sustentação à investigação, comportando assim o estado da arte sobre a temática, em específico dos estudos atuais e de referência no contexto nacional.

Em 2016, Ana Paula Caetano, Isabel Freire, Ana Margarida Veiga Simão, Maria José D. Martins e Maria Teresa Pessoa, realizaram o estudo “Emoções no *Cyberbullying*: Um estudo com adolescentes portugueses”, aplicado a 3 525 alunos de escolas de todo o país, entre o 6º e 11º ano de escolaridade, sendo 52,1% do sexo feminino e 47,8% masculino. O seu objetivo geral propunha-se a contribuir para a identificação e interpretação das emoções experienciadas pelos jovens envolvidos no *Cyberbullying*, quer como vítimas, quer como agressores. Através de uma metodologia quantitativa e utilizando como instrumento de recolha de dados o “Questionário de Diagnóstico sobre o *Cyberbullying* (QDC), observaram como principais resultados que a tristeza, a vingança e o medo são as emoções mais comuns nas vítimas, enquanto a satisfação, a indiferença e o alívio são as mais frequentes entre os agressores.

Concluíram assim que existem grandes diferenças entre as emoções experienciadas pelas vítimas e aquelas que são sentidas pelos agressores, o que pode ser um indício da falta de empatia dos agressores e requer o desenvolvimento de uma educação emocional dos jovens (cit in Costa, 2019).

Também em 2017, e com o título “*Bullying* ou conflito entre pares? Incidências, características das vítimas e impacto psicológico”, encontramos um estudo desenvolvido por Anabela Carvalho, Amália Cussecala, Carla Martins, Cândida Cardoso, Diana Lopes, Filomena Gato, Helena Mimoso, Maria José Costa e Marisa Ferreira, uma amostra de 1 635 alunos do 3º ciclo ao secundário do concelho de Viseu, compreendendo idades entre os oito e os 22 anos, sendo 51% do sexo feminino e 49% masculino. Este estudo tinha como objetivo geral analisar a incidência do *Bullying*, as consequências e o impacto na assiduidade e no bem-estar destas crianças e jovens. Através de uma metodologia quantitativa, uma equipa de 16 psicólogas, utilizou como instrumento para a recolha de dados um inquérito por questionário de autorrelato (Freire et al., 2006), adaptado de versões validadas. Os principais resultados mostram que 9,3% das crianças/jovens relataram sentir-se como vítimas e destas, 21,6% indicaram que eram agredidas com frequência. O *Bullying* e as agressões frequentes revelaram maior incidência no primeiro ciclo e vão mudando de forma ao longo do percurso de educação escolar. Em comparação com crianças/jovens que são frequentemente atacadas, as vítimas de *Bullying* mostram maior isolamento, mais absentismo escolar e menos efeitos positivos na saúde mental (Carvalho et al., 2017).

Entre 2017 e 2018, num estudo desenvolvido por Cristina Ponte e Susana Batista, denominado “*EU Kids Online Portugal: Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens*”, foram inquiridas 1 974 crianças e jovens a nível nacional (incluindo as ilhas), com idades entre os nove e 17 anos, sendo 50% do sexo feminino e 50% masculino. Através do método quantitativo e com a aplicação do questionário “*EU Kids Online*” (composto por questões obrigatórias e de cariz opcional/facultativo), teve como objetivo geral registar mudanças e continuidades no uso da internet entre crianças e jovens portugueses. Concluíram que 24% dos inquiridos afirmaram ter sido vítimas de *Bullying online* e *offline* no último ano, tendo estes valores duplicado em comparação a 2010 e 2014. Podemos assim verificar que o *Cyberbullying* está presente em mais de um quinto dos adolescentes (Ponte & Batista, 2019).

Em 2019 encontramos o estudo desenvolvido por Teresa Costa denominado “Risco comportamental, comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* e resiliência: Estudo das

relações e processos de interação numa amostra de adolescentes”. O mesmo decorreu em escolas localizadas no concelho de Guimarães, inquirindo 1 135 alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos que frequentavam os três ciclos do ensino básico, sendo 49,5% do sexo feminino e 50,5% masculino. Este estudo teve como objetivo geral compreender qual o papel da resiliência e o seu impacto ao nível do risco comportamental e de comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*. Através de uma metodologia quantitativa, correlacionaram os resultados de vários questionários, nomeadamente: “Questionário de Caracterização Sociodemográfica”; “Escala de Avaliação da Resiliência em Crianças e Adolescentes”; “Questionário de Saúde e Risco”; e “Questionário de *Bullying*, Vitimação, *Cyberbullying* e *Cyber-Vitimação*”. Após a análise dos resultados, verificaram que 15,9% os alunos são *bullies* e que 13,6% da totalidade dos jovens sofreu agressões. Concluíram ainda que os rapazes são mais tendenciosos a manifestar comportamentos agressivos, influenciando negativamente os seus comportamentos (Costa, 2019).

Em 2020, realizou-se o maior estudo de âmbito mundial sobre a problemática do *Bullying* em contexto escolar, materializado no relatório da UNESCO “*Behind the numbers: Ending school violence and Bullying*”, que inquiriu crianças/jovens estudantes de 144 países, entre os quais Portugal. Alguns dos mais relevantes resultados, obtidos através do questionário “*Global school-based student health survey e Health Behaviour School Aged Children*”, mostram-nos, no que respeita à amostra portuguesa, que 39% sofreu de *Bullying*, refletindo-se mais no sexo masculino. Também verificaram que a proporção de jovens entre os 11 e os 16 anos que sofre de *Cyberbullying* tem aumentado consecutivamente, valores constatados no mesmo estudo em 2012 (7%) e quatro anos depois, em 2016, a 12%. Constataram também que o tipo de *Bullying* mais presente nas escolas portuguesas é o *Bullying* psicológico, identificado como o que mais pode comprometer a qualidade da educação e do ambiente escolar. Nas suas conclusões, salientamos a sugestão que lançam sobre a necessidade de projetar medidas que promovam valores como a empatia e a preocupação pelo outro, implementando políticas educacionais que promovam o bem-estar escolar (UNESCO, 2020).

Durante o ano de 2020, Raquel António, Rita Guerra e Carla Moleiro realizaram o estudo “*Cyberbullying* em Portugal durante a pandemia do COVID-19”, com uma amostra de 485 jovens estudantes residentes em todos os distritos de Portugal e respetivas ilhas, sendo que só o concelho de Lisboa compreendeu 29% do total da amostra. Os dados sociodemográficos mostram-nos que a maioria dos inquiridos são do sexo feminino (83,7%) e com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos (18,44%). Relativamente ao grau de ensino, verificou-

se que grande parte da amostra frequentava o ensino secundário (62,5%), 36,1% encontravam-se no ensino superior, e 14% no ensino básico. Neste estudo verificaram que a maioria dos estudantes afirma já ter sido vítima de *Cyberbullying*, e que o mesmo aumentou no estado pandémico através de mensagens de conteúdo prejudicial e violento. Verificaram também que os estudantes do *sexo* masculino demonstraram maiores níveis médios de vitimização e agressão por *Cyberbullying*, resultando em consequências psicológicas desfavoráveis. Com estes resultados, os autores sensibilizaram para a necessidade de reduzir este conteúdo prejudicial e criar respostas onde os jovens se possam apoiar e recorrer para evitar consequências mais graves (António et al., 2020).

Já em 2022, Vitor Gonçalves e Cátia Vaz desenvolveram um estudo, “*Bullying e Cyberbullying: Um estudo em tempos de pandemia*”. Este teve como objetivo averiguar se a situação pandémica agravou ou não as situações de *Bullying* e *Cyberbullying* escolar. A metodologia utilizada baseou-se num estudo de caso, de carácter exploratório e descritivo, com os paradigmas quantitativo e qualitativo. A amostra envolveu 370 alunos que frequentavam o 5º e 6º ano, referente ao ano letivo de 2021/2021, em dois agrupamentos escolares no concelho de Bragança. O instrumento utilizado para a obtenção destes resultados foi um inquérito por questionário *Survey* realizado e disponibilizado através da plataforma *Google Forms*. Os principais resultados indicaram que durante a época de pandemia as situações de *Bullying* diminuíram, e em contrapartida, o *Cyberbullying* aumentou. Constataram também que existiu uma diminuição no número de vítimas e de testemunhas e que estes alteraram a forma de reação e de atuação perante as problemáticas. Este estudo apela à necessidade de tomada de medidas urgentes de combate a esta problemática (Gonçalves & Vaz, 2022).

Parte II- ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 2: Objetivos da Investigação

2.1. Identificação da Problemática de Investigação

No seguimento deste enquadramento, pretendemos realizar a nossa investigação diretamente numa escola, de modo a conseguir chegar ao público-alvo, obtendo todas as informações necessárias para a sua finalidade (Fiel, 2018; Figueiredo, & Matos, 2017).

Existem grandes problemas em âmbito escolar, tais como o baixo rendimento dos alunos, o insucesso escolar e o desinteresse que os mesmos têm pela aprendizagem (Ferreira, 2018). Estes comportamentos considerados de risco relacionam-se tanto com fatores de âmbito pessoal, social e familiar, como escolar (Fiel, 2018; Neves et al, 2020; Teixeira, 2015).

A definição do problema tem como importante função, focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em questão, desempenhando assim um papel de guião ao longo da pesquisa (Montalvão, 2015; Viegas, 2017).

Os dados mais recentes a nível nacional, pertencem ao Observatório nacional do *Bullying*, que abrange todas as plataformas e dados de 2020 (ainda não existem dados relativos ao ano de 2021). No seu primeiro ano de projeto, registou 407 denúncias, a maioria delas de raparigas enquanto vítimas (n=307). A média de idades, tanto das raparigas como dos rapazes, vítimas ou ex-vítimas, de *Bullying* e *Cyberbullying*, ronda os 12 anos de idade. Já relativo aos agressores, a média de idades aproximada das raparigas é de 13 anos e dos rapazes 12 anos. Verificamos assim que a idade não parece ser um fator de diferença, tanto na agressão como na vitimização, demonstrando que a violência não escolhe idades.

Destas 407 denúncias, 133 foram feitas por pessoas que tinham conhecimento daquela situação, tais como familiares, amigos e comunidade escolar, pertencendo a esta última a maior percentagem de denúncias. Em seguida foram as Ex vítimas que denunciaram, correspondendo a 123 denúncias. Em terceiro lugar as vítimas de *Bullying* e *Cyberbullying*, apresentaram 78 denúncias, e por fim, os Observadores/Testemunhas, com 73 denúncias (Observatório nacional do *Bullying*, 2020).

Aqui pode-se observar que os três intervenientes mais “diretos”, vítima, agressor e observador, não foram quem mais denunciou, logo perspetiva-se que possam ter algum receio de relatar a situação visto que a mesma possa piorar ou até por nem reconhecerem a gravidade daquele acontecimento.

Ainda de acordo com os resultados do Observatório nacional do *Bullying* (2020), em 94.6% dos casos as vítimas e os agressores frequentam o mesmo estabelecimento de ensino.

Verifica-se que 67% destes casos são denunciados por encarregadas de educação das vítimas ou Ex vítimas. A média das idades dos denunciantes é de 32 anos, o que pode

demonstrar a necessidade de uma maior maturidade e consciencialização para perceber a gravidade deste tipo de violência.

Relativamente às ações desencadeadas pelas testemunhas ou por pessoas que tenham conhecimento da situação, 29,2% apoiou a vítima quando teve conhecimento e 27,8% informou a Direção de turma ou a Direção do estabelecimento de ensino. Ainda, 16% pediu apoio a um adulto que fizesse parte do estabelecimento de ensino enquanto 12,5% optou para recorrer a esta plataforma do Observatório nacional do *Bullying* para relatar a situação. Apenas 8,6% agiu em defesa da vítima, tentando protegê-la, o que aqui sustem o argumento referido anteriormente de que grande parte das pessoas que têm conhecimento daquela situação, interferiram ou por medo, ou por acharem algo insignificante e passageiro, ou até pela falta de noção das repercussões que o *Bullying* e *Cyberbullying* pode trazer futuramente.

Quanto ao local onde ocorre o *Bullying*, a maioria das ocorrências tiveram lugar no recreio, eventualmente por ser um local menos vigiado, e logo de seguida aparece a sala de aula.

O maior motivo que leva à prática do *Bullying* e *Cyberbullying* é, segundo o Observatório nacional do *Bullying* (2020), o aspeto físico. Com uma prevalência de 51,80%, a aparência parece revelar-se entre os jovens o maior motivo de discriminação. Estes resultados podem ser sustentados no facto dos jovens serem involuntariamente influenciados pelos exemplos que têm não só nas plataformas digitais que consomem, como também pelos *media* e pelo que os mesmos tornaram “padrão” ao longo destes anos, e que assim perdura. Outros dados preocupantes e bastante elevados pertencem à discriminação racial, étnica, orientação sexual e de identidade de género. Apesar de já existirem mais campanhas de sensibilização relativamente a estas comunidades, cada vez mais são as denunciadas de novas ocorrências.

O *Bullying* tem bastante impacto na vida de quem o faz, o sente, e o vê. Cada vez existem mais jovens que necessitam de apoio psicológico (45%), tratamento médico (20%), que se encontraram em risco de vida para terminar com aquele sofrimento (15%), e que infelizmente, chegaram a ser hospitalizados em estado crítico (7%). O *Bullying* e *Cyberbullying* não é algo passageiro, é um comportamento com efeitos secundários, tais como, dificuldade de concentração e por consequência, de aprendizagem (33%), impede o descanso, influenciando toda a rotina do indivíduo (28%), e pode até trazer problemas ainda mais graves, tais como, ansiedade e depressão (27%). Este tipo de violência tem e deve ser denunciado para que seja impedido, resolvido e para que os intervenientes tenham a devida ajuda.

É cada vez mais importante abordar a temática do *Bullying* e do *Cyberbullying* e dá-la a conhecer. Além da mesma ainda não ser considerada crime, é cada vez mais frequente e impossível de controlar em todas as suas formas e vertentes (Fiel, 2018; Neves et al., 2020).

2.2. Pergunta de Partida

A pergunta de partida é considerada a base de toda a investigação. Assim sendo, a mesma tem de ser clara, pertinente e sobretudo, exequível (Guerreiro et al., 2017). Foi assim definida como questão de partida: As características sociodemográficas e comportamentais dos jovens da freguesia de Camarate têm impacto nas suas perceções sobre o *Bullying* e *Cyberbullying*?

2.3. Objetivos da Investigação

2.3.1. Objetivo Geral

Os objetivos gerais são as grandes orientações para as ações, guiando assim para as finalidades do projeto (Araújo, & Matos, 2019). No que diz respeito aos objetivos específicos, o autor refere que estes exprimem os resultados se pretendem atingir, pormenorizando assim os objetivos gerais (Deviet, 2018). Posto isto, todos os objetivos específicos deverão depreender do objetivo geral, ou seja, cada objetivo específico está orientado para dar resposta a um aspeto, de modo que o seu conjunto dê resposta ao objetivo geral (Rodrigues, 2017).

Esta investigação tem como objetivos gerais:

OG1- Caracterizar os comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* em jovens da freguesia de Camarate.

OG2- Compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta dos jovens da freguesia de Camarate nos comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*.

2.3.2. Objetivos Específicos

No que diz respeito aos objetivos específicos, pretendemos com esta investigação, relativamente ao objetivo geral 1:

OE1.1. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Agressores de *Bullying*.

OE1.2. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Vítimas de *Bullying*.

OE1.3. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Agressores de *Cyberbullying*.

OE1.4. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Vítimas de *Cyberbullying*.

Relativamente ao objetivo geral 2:

OE2.1. Analisar se as características sociodemográficas e comportamentais dos jovens retratam diferentes envolvimentos face a agressor/vítima de *Bullying/Cyberbullying*.

Capítulo 3. Metodologia

3.1. Caracterização da Amostra

3.1.1. Caracterização da Área, Concelho e Escola Participante

O presente estudo decorreu no Concelho de Loures, situado na Área Metropolitana de Lisboa. Com cerca de duzentos mil habitantes e inserido numa área de 168 km²¹, o concelho de Loures é atualmente composto por dez freguesias: União das Freguesias de Camarate, Unhos e Apelação, União das Freguesias de Moscavide e Portela, União das Freguesias de Sacavém e Prior Velho, União das Freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela, União das Freguesias de Santo Antão e São Julião do Tojal, União das Freguesias de Santo António dos Cavaleiros e Frielas, e ainda as freguesias de Bucelas, Fanhões, Loures e Lousa².

Figura 1 - Mapa das Freguesias do Concelho de Loures³ (2022)



(Fonte: Câmara Municipal de Loures, 2022)

¹ Dados da Câmara Municipal de Loures (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 em <https://www.cm-loures.pt/>

² Dados da Câmara Municipal de Loures (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 em <https://www.cm-loures.pt/>

³ Dados da Câmara Municipal de Loures (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 <https://cm-loures.pt/artigo.aspx?displayid=27>

Segundo os dados mais recentes, correspondentes à PORDATA (2021), a população residente no concelho de Loures é de 201 590 habitantes, sendo 95 120 do sexo masculino e 106 470 do sexo feminino⁴.

Complementando com os dados atualmente disponíveis no Instituto Nacional de Estatística (INE, 2022), encontram-se em idade ativa, ou seja, têm entre os 15 e os 64 anos, 96 3345 habitantes desta população.

Seguindo a mesma base de dados oficiais referenciada anteriormente, a rede pública de escolas do Concelho de Loures é composta por 83 estabelecimentos de educação e ensino. Existem nove jardins de infância (JI) isolados e 41 escolas básicas do 1º ciclo (EB), estes também com a valência de JI. Com rigor, encontramos 50 jardins de infância, 59 escolas com valência de 1º ciclo, 19 escolas com o 2º e 3º ciclos e sete escolas secundárias, cinco das quais também com ensino do 3º ciclo. Estes estabelecimentos de educação estão organizados em 13 Agrupamentos de Escolas, sendo que sete destes Agrupamentos têm sede em escolas de 2º e 3º ciclos, e os restantes seis com sede em escolas secundárias. Para a realização do nosso estudo recorreremos a toda a população escolar da única escola TEIP de todo o concelho de Loures, no ano de 2021/2022⁶.

3.1.2. Escola Básica de Camarate

O Agrupamento de Escolas de Camarate D. Nuno Álvares Pereira (AEC) constituído em 2003 situa-se na freguesia agora designada de “União das Freguesias de Camarate, Unhos e Apelação”, no concelho de Loures e distrito de Lisboa. O Agrupamento é constituído pela Escola Básica de Camarate (escola sede), pelas escolas do primeiro ciclo Escola Básica nº 1 de Camarate, Escola Básica nº 2 de Camarate, Escola Básica de Fetais (onde funciona uma sala da Unidade de Apoio à Multideficiência); Escola Básica nº 4, Escola Básica nº 5, e Escola Básica da Quinta das Mós.

A Escola Básica de Camarate, antiga Escola EB 2,3 Mário de Sá Carneiro, situada no Alto de Camarate na parte antiga da Quinta das Portas de Ferro, é constituída por 675 alunos, contando com 375 alunos do 2º ciclo e 258 alunos do 3º ciclo e CEF, com idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos⁷. Além dos cursos de educação e formação, a escola básica de Camarate

⁴ Dados da PORDATA (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 em <https://www.pordata.pt/>

⁵ Dados da PORDATA (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 em <https://www.pordata.pt/>

⁶ Dados da Escola Secundária de Camarate (2022): Fornecidos pela Direção, complementado pelo site oficial da Escola. Acedido a 10 de janeiro de 2022 em <http://www.aec.edu.pt/>

⁷ Dados da Escola Secundária de Camarate (2022): Fornecidos pela Direção, complementado pelo site oficial da Escola. Acedido a 10 de janeiro de 2022 em <http://www.aec.edu.pt/>

dispõe de desporto escolar como atividade extracurricular, com o objetivo de potenciar distintas experiências desportivas aos jovens e, de forma indireta, de os desfocar de atividades ‘ilegais’ verificada no concelho, dando-lhes a oportunidade de se integrarem em vários desportos, tais como, ténis de mesa, basquetebol, andebol, futsal e *boccia* (dedicado aos alunos com dificuldades cognitivas, inserindo-os assim na comunidade escolar)⁸.

Para além das atividades desportivas, existem também clubes de artes decorativas; brigada verde; clube “horta do charco”; clube de cinema e clube de música. Aqui os alunos têm mais variedade e opção de escolha, acabando por apresentar vários espetáculos e atividades junto da comunidade do concelho de Loures. Os jovens têm a oportunidade de ter “voz” e serem os próprios os criadores de projetos diferenciadores e pioneiros para o desenvolvimento da comunidade escolar e, conseqüentemente, da sua área de residência⁹.

Figura 2 - Escola Básica de Camarate ¹⁰



(Fonte: Agrupamento de Escolas de Camarate, 2021)

⁸ Dados da Escola Secundária de Camarate (2022): Fornecidos pela Direção, complementado pelo site oficial da Escola. Acedido a 10 de janeiro de 2022 em <http://www.aec.edu.pt/>

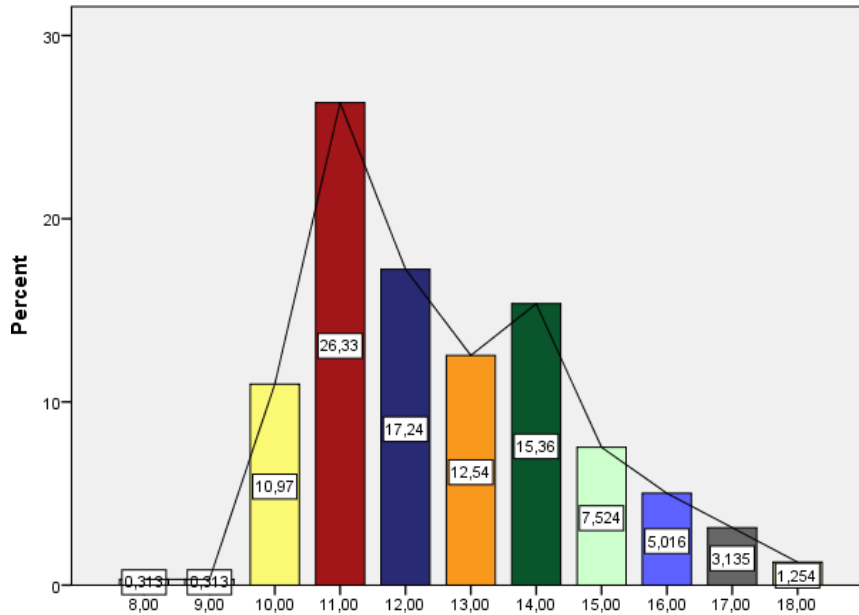
⁹ Dados da Escola Secundária de Camarate (2022): Fornecidos pela Direção, complementado pelo site oficial da Escola. Acedido a 10 de janeiro de 2022 em <http://www.aec.edu.pt/>

¹⁰ Dados da Câmara Municipal de Loures (2022). Acedido a 10 de janeiro de 2023 <https://cm-loures.pt/artigo.aspx?displayid=27>

3.2. Caracterização da Amostra

A amostra é composta por 319 jovens que frequentam o 2º e o 3º ciclo da Escola Básica de Camarate. Têm idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos, sendo a idade média 12,59 (DP=1,98) (Ver Gráfico 1).

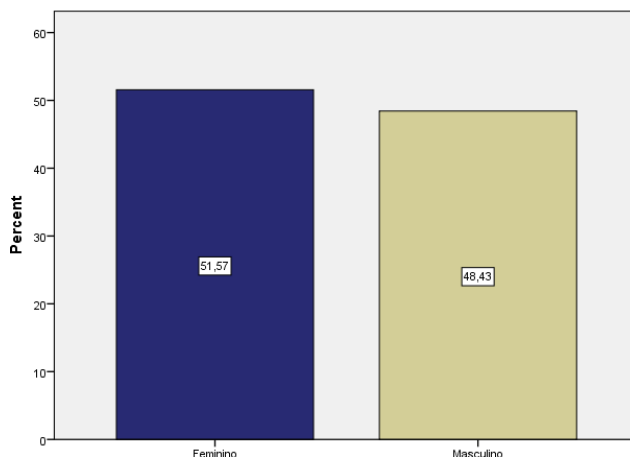
Gráfico 1. Idade da Amostra



Fonte: Elaboração própria

Dos 319 jovens, 164 são do sexo feminino (51,6%), 154 do masculino (48,4%) e um não identificou o género (Ver Gráfico 2).

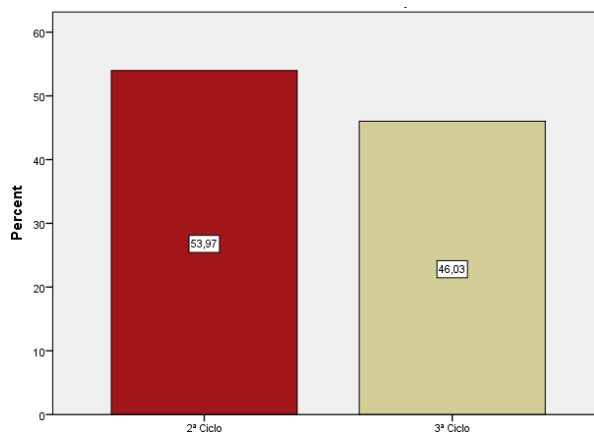
Gráfico 2. Sexo da Amostra



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao ciclo de estudos, 170 (54%) frequentam o 2º Ciclo, 145 (46%) o 3º Ciclo e quatro não identificaram o ciclo de estudos em que se encontram integrados (Ver Gráfico 3).

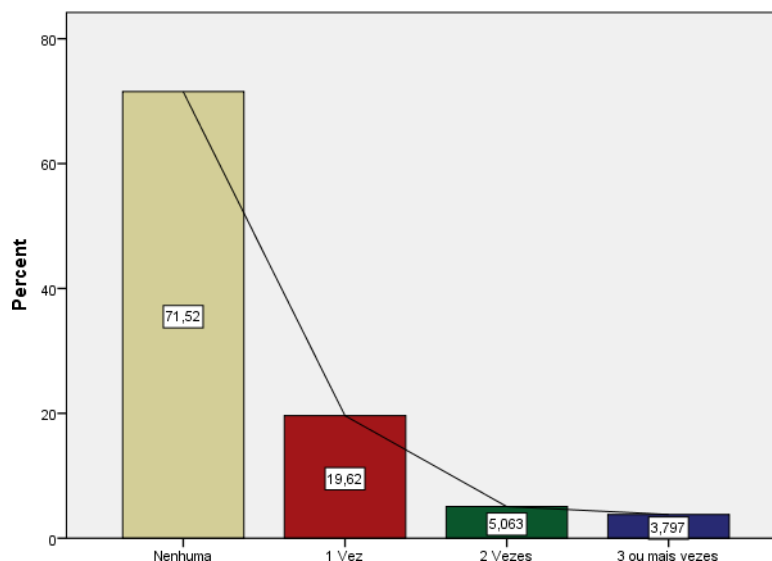
Gráfico 3. Ciclo de estudos frequentado pela Amostra



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao percurso escolar, 226 alunos (71,5%) nunca reprovaram, 62 alunos (19,6%) reprovaram uma vez, 16 alunos (5,1%) reprovaram duas vezes, 12 alunos (3,8%) reprovaram três ou mais vezes e três alunos não deram esta informação (Ver Gráfico 4).

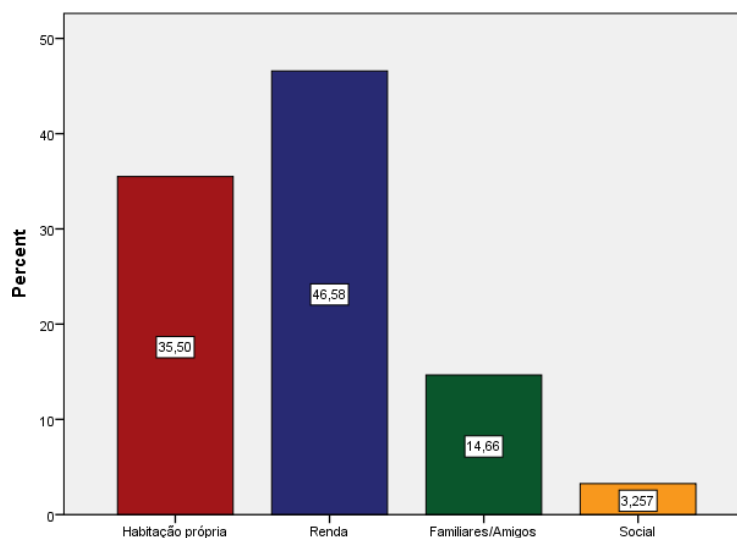
Gráfico 4. Número de Reprovações da Amostra



Fonte: Elaboração própria

Relativamente ao local onde residem, 109 (35,5%) dos alunos residem em habitação própria, 143 (46,6%) em habitação arrendada, 45 (14,7%) com familiares/amigos, 10 (3,3%) vive em habitação social e 12 não identificaram o local onde residiam (Ver Gráfico 5).

Gráfico 5. Local de Residência

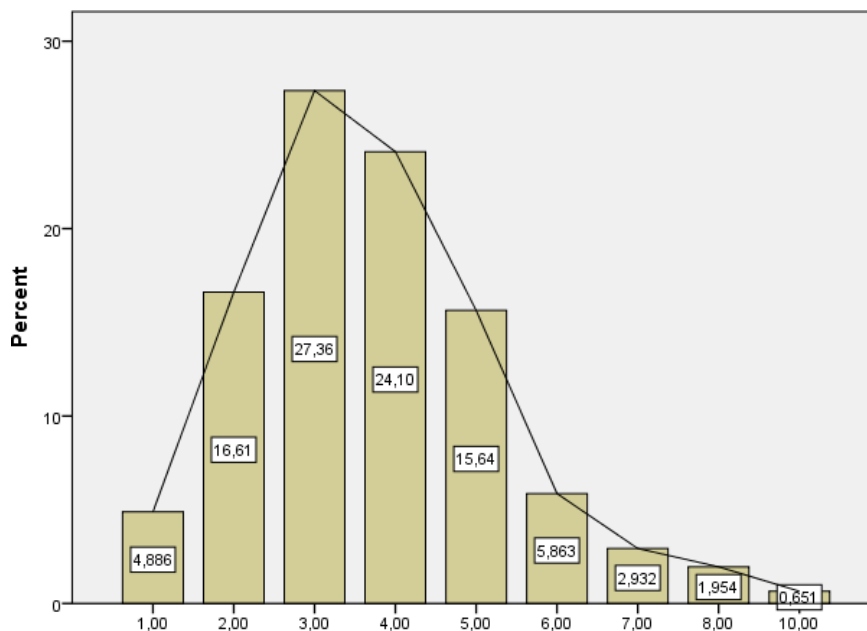


Fonte: Elaboração própria

No que concerne ao número de indivíduos que compõem o agregado familiar (além do próprio) verificou-se, relativamente à maioria dos alunos, que 84 alunos (27,4%) integram um agregado composto por 3 elementos, 74 alunos (24,1%) um agregado de quatro elementos, 51

(16,6%) um agregado composto por dois indivíduos, 48 alunos (15,6%) integram um agregado constituído por cinco elementos (Ver Gráfico 6).

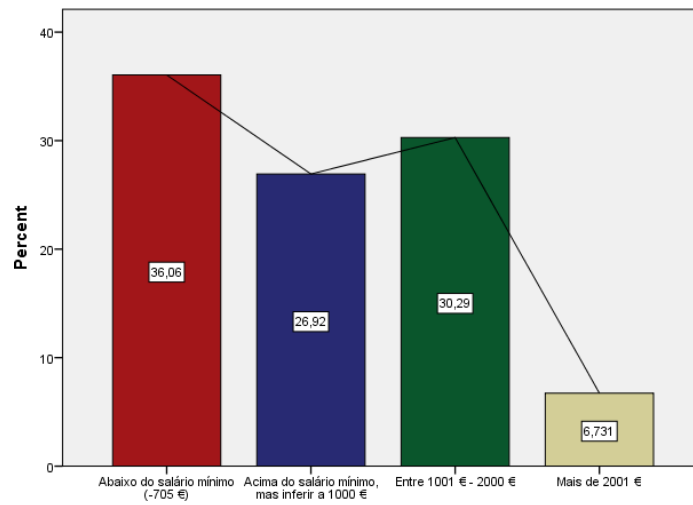
Gráfico 6. Agregado Familiar dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

No que concerne à remuneração familiar mensal, 75 alunos (36,1%) verbaliza que vivem mensalmente com um ordenado abaixo do salário mínimo (-705€), 63 alunos (30,3%) entre 1001 € e 2000 €, 56 alunos (26,9%), acima do salário mínimo, mas inferior a 1000 €, 14 alunos (6,7%) com mais de 2001 € e 111 alunos não identifica a remuneração do agregado familiar (Ver Gráfico 7).

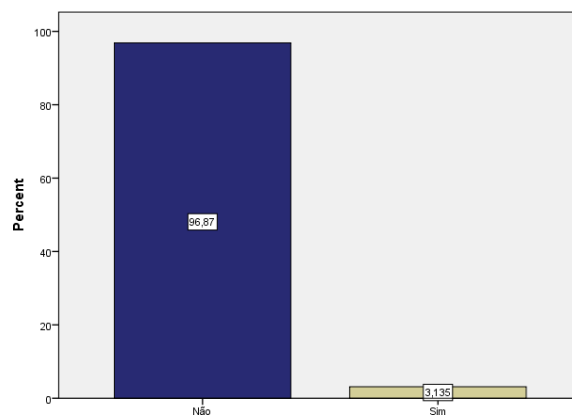
Gráfico 7. Remuneração Familiar Mensal dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao consumo/hábito de consumir bebidas alcoólicas, 309 alunos (96,9%) refere que não o faz e 10 (3,1%) verbaliza que tem este hábito (Ver Gráfico 8).

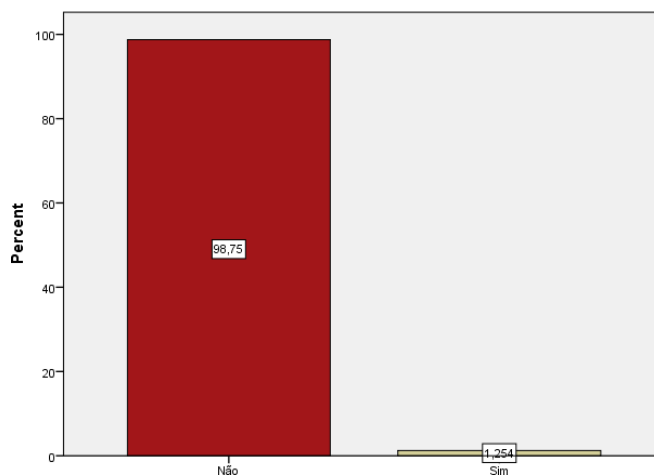
Gráfico 8. Consumo/Hábito de Bebidas Alcoólicas dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

Relativamente ao consumo/hábito de consumir drogas, 315 alunos (98,7%) refere que não o faz e 4 (1,3%) verbaliza que tem este hábito (Ver Gráfico 9).

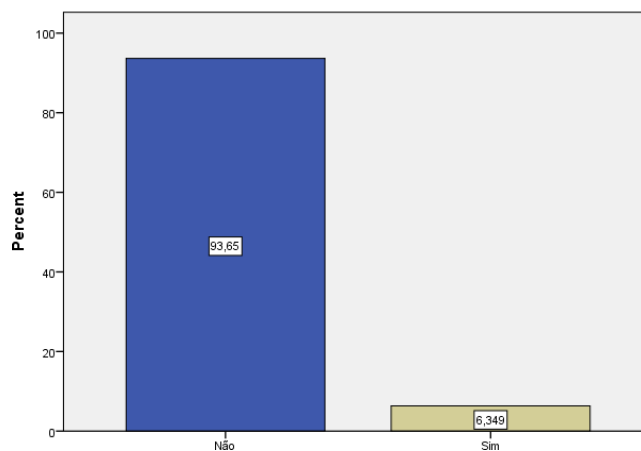
Gráfico 9. Consumo/Hábito de substâncias psicotóxicas dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito ao consumo/hábito de consumir medicamentos, 295 alunos (93,7%) refere que não o faz, 20 (6,3%) verbaliza que tem este hábito e quatro não respondem a esta questão (Ver Gráfico 10).

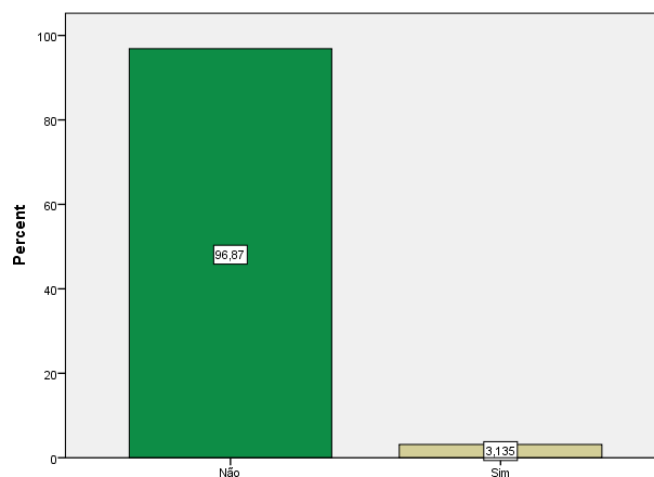
Gráfico 10. Consumo/Hábito de Medicamentos dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao jogo/hábito de jogar a dinheiro online, 309 alunos (96,9%) refere que não o faz e 10 (3,1%) verbaliza que tem este hábito (Ver Gráfico 11).

Gráfico 11. Jogo/Hábito de Jogar a Dinheiro Online dos Alunos



Fonte: Elaboração própria

3.3. Técnica de Recolha de Dados

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Segundo Gil (2006) o questionário é uma técnica de investigação composta por um certo número de questões apresentadas por escrito à população alvo, com o objetivo de obter conhecimento de opiniões, crenças, situações vivenciadas, entre outros.

O questionário é um instrumento de medida que traduz os objetivos do estudo com variáveis mensuráveis e ajuda a organizar, normalizar e controlar os dados para que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa, sendo que a qualidade dos resultados obtidos depende, em grande parte da fiabilidade e validade do instrumento de medida (Fortin, 2009).

Este questionário é constituído por um conjunto de itens relativos a características sociodemográficas da população alvo, tais como, a idade, o género, o ciclo de estudos que frequenta, onde reside, como é composto o agregado familiar e o consumo de bebidas alcoólicas e estupefacientes. Tem como objetivo principal a caracterização da amostra, para que exista uma perceção do estilo de vida dos jovens inquiridos e analisar se estas características retratam diferentes envolvimentos face ao comportamento de agressor/vítima de *Bullying/Cyberbullying*.

3.3.2. Questionário “*Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber-Vitimação*”

O Questionário de *Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber-Vitimação* (QBVCV) foi desenvolvido por Almeida, 1999, revisto por Almeida et al., 2012 e adaptado por Costa, em 2019 (Costa, 2019).

Este instrumento é composto por 24 itens, 16 deles estão organizados em duas subescalas: a escala de vitimização e a escala de *Bullying*. Cada uma delas é composta por 8 itens onde é avaliada a frequência de *Bullying* e a vitimização que é experienciada.

Adicionalmente são apresentados dois itens nos quais os alunos se consideram possíveis agressores/vítimas. A escala de vitimização é complementada por seis itens de modo a ser possível recolher mais informações sobre a situação de vitimização (Coelho, & Romão, 2018).

A estas duas subescalas são apresentados dois itens nos quais é pedido aos alunos se consideram ter realizado *Bullying* e se consideram ter sido vítimas de *Bullying*. As respostas a estes itens são apresentadas de acordo com uma escala *Likert* de cinco pontos: 1- Não me aconteceu; 2- Apenas uma ou duas vezes durante o ano; 3- Duas a três vezes por mês; 4- Uma vez por semana; e 5- Várias vezes por semana (Coelho et al., 2018).

Os dois últimos itens do instrumento dizem respeito a comportamentos de defesa em prol das vítimas e ao medo sentido por parte dos alunos cujas respostas são apresentadas segundo uma escala *Likert* de cinco pontos: 1- Nunca; 2- Raramente; 3- Algumas vezes; 4- Muitas vezes; e 5- Quase sempre (Coelho et al., 2018).

A opção pela utilização destes métodos é a sua pertinência em relação ao fenómeno em estudo, e a sua aplicabilidade à realidade portuguesa (Saavedra, 2010, cit in Coelho et al., 2018).

Os dados da fidelidade das subescalas apresentam valores de consistência interna boa e muito boa (Pestana & Gageiro, 2003): agressores *Bullying* (quatro itens; $\alpha = .84$), vítimas *Bullying* (quatro itens; $\alpha = .85$), agressores *Cyberbullying* (oito itens; $\alpha = .96$) e vítimas *Cyberbullying* (oito itens; $\alpha = .97$).

3.4. Procedimento

De forma a ser conseguida a estratégia metodológica, o estudo teve em conta determinados procedimentos éticos prévios, essenciais em todo o processo metodológico, antes e durante o trabalho empírico. Assim, foi apresentado a proposta do tema ao Conselho Científico do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Lisboa e após a aprovação do mesmo, escolheu-se a Escola Básica de Camarate como instituição para o desenvolvimento do trabalho empírico. Neste sentido, dirigiu-se à instituição escolhida, na

peessoa da Sra. Diretora do Agrupamento D. Nuno Álvares Pereira, Marilisa Cambraia, o pedido de colaboração para investigação (Apêndice I) por parte do Diretor do Instituto de Serviço

Social, Professor Doutor Carlos Diogo Moreira, com apresentação do tema, apresentação do mestrado onde se integra a investigação e apresentação do orientador de mestrado. De seguida foi dirigido o pedido de colaboração para investigação por parte do investigador (ver Apêndice II), com a apresentação do investigador, do tema, dos objetivos e método de recolha de dados.

Após a aprovação de ambas as instituições, entrou-se em contacto com a Professora AG, coordenadora dos diretores de turma da Escola Secundária de Camarate, para que pudesse organizar uma reunião geral com os mesmos. Nessa reunião, foi explicado todo o procedimento, solicitando também que cada diretor de turma ficasse responsável por entregar a cada aluno, o consentimento informado (Apêndice III) e os questionários (Apêndice III) para preenchimento.

Sendo assim, na aula de Cidadania de todas as turmas, os professores procederam à entrega do consentimento informado que se remetia aos Encarregados de Educação dos alunos, para que os mesmos levassem para casa e trouxessem na próxima aula da semana seguinte, o documento assinado. Antes da entrega, explicou-se sumariamente aos jovens, com linguagem adaptada à respetiva idade, o tema da investigação e o anonimato dos dados e das informações recolhidas, assim como o propósito da investigação.

Na semana seguinte, recolheram-se os consentimentos dos encarregados de educação para a participação dos jovens. Após a recolha dos consentimentos, aplicou-se o protocolo. Cada participante despendeu cerca de 20 minutos com a aplicação do protocolo. Decorreu entre a segunda e terceira semana, do mês de março de 2023.

3.5. Análise Estatística

Foi construída uma base de dados no programa informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 28.0 de 2021 para Windows (International Business Machines [IBM], 2021).

Com recurso ao programa SPSS, realizou-se uma análise da estatística descritiva da amostra, com a descrição da sua dimensão e das medidas de tendência central relativamente às variáveis sociodemográficas dos jovens que participaram na investigação. Os resultados recolhidos através do Questionário “*Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber-Vitimação*”

foram analisados estatisticamente, através de uma análise estatística descritiva, *crostabs* e com utilização de testes de comparação de médias (*t test*).

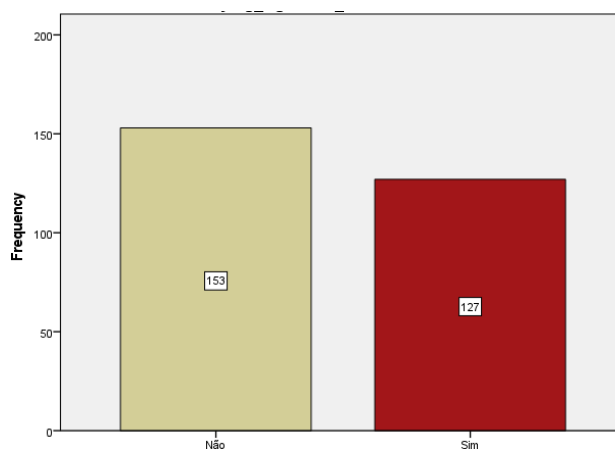
Capítulo 4. Resultados

Relativamente ao objetivo geral 1, caracterizar os comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* em jovens da freguesia de Camarate, apresentam-se os resultados de acordo com os objetivos específicos.

4.1. Agressores de *Bullying*

Dos 319 estudantes que compõem a amostra, somente responderam 280 a esta questão. Destes, 153 (54,6%) não se considera agressor de *Bullying* e 127 (45,4%) relatam que já agrediram (Ver Gráfico 12).

Gráfico 12. Comportamentos como Agressores de *Bullying*

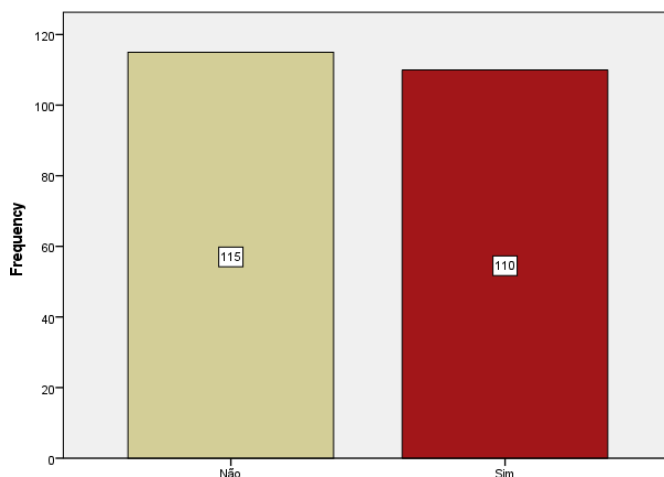


Fonte: Elaboração própria

4.2. Vítimas de *Bullying*

Dos 319 estudantes, responderam 225. Destes, 115 (51,1%) relatam que nunca foram vítimas e 110 (48,9%) afirmam que já foram vítimas de *Bullying* (Ver Gráfico 13).

Gráfico 13. Comportamentos como Vítimas de *Bullying*

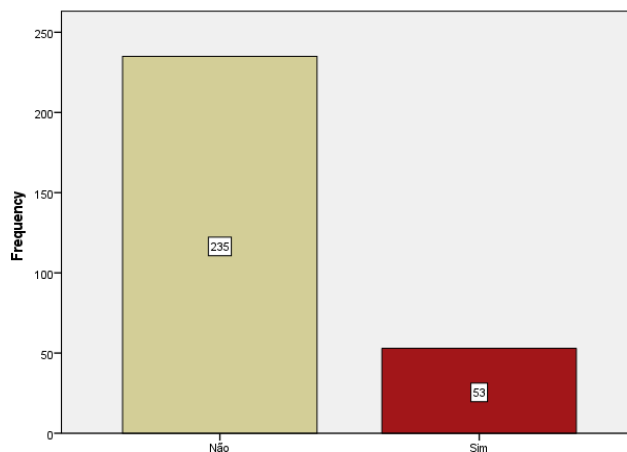


Fonte: Elaboração própria

4.3. Agressores de *Cyberbullying*

Dos 319 estudantes, responderam 288. Destes, 235 (81,6%) relatam que nunca foram *cyberagressores* e 53 (18,4%) revelam que já foram (Ver Gráfico 14).

Gráfico 14. Comportamentos como Agressores de *Cyberbullying*

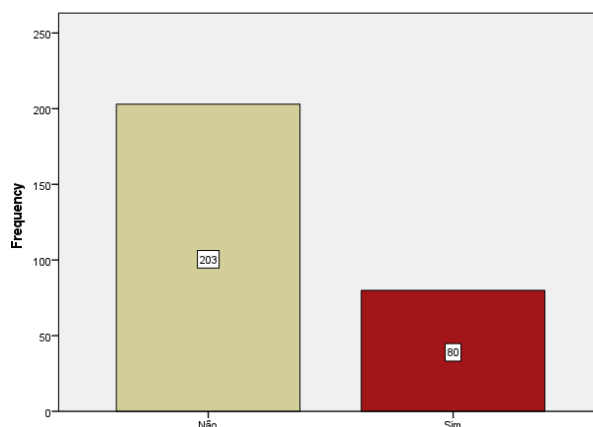


Fonte: Elaboração própria

4.4. Vítimas de *Cyberbullying*

Dos 319 estudantes, responderam 283. Destes, 203 (71,7%) revelam que nunca foram vítimas de *cyber* agressão e 89 (28,3%) afirmam que já foram (Ver Gráfico 15).

Gráfico 15. Comportamentos como Vítimas de *Cyberbullying*



Fonte: Elaboração própria

Relativamente ao Objetivo Geral 2, compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta dos jovens da freguesia de Camarate nos comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*, apresentam-se os resultados de acordo com o objetivo específico.

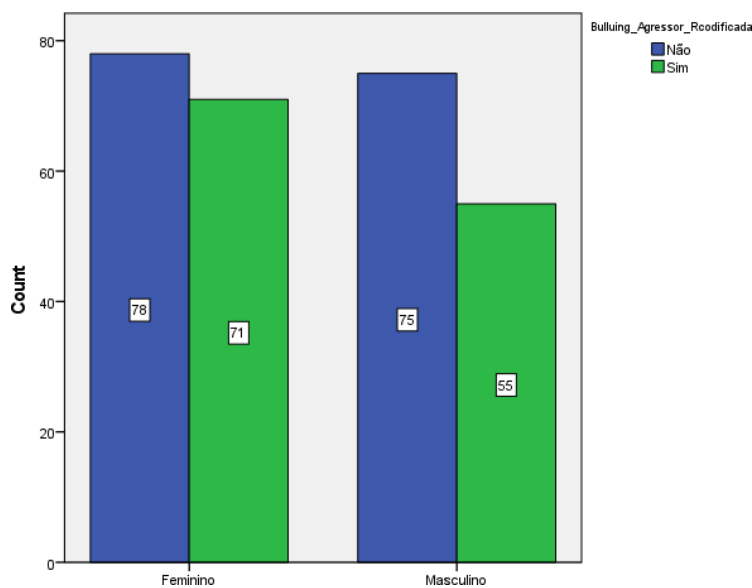
4.5. Características Sociodemográficas e Comportamentais do Agressor/Vítima de *Bullying/Cyberbullying*.

4.5.1. Sexo

4.5.1.1. Sexo dos Jovens Agressores de *Bullying*

Quanto ao sexo dos jovens agressores de *Bullying*, das 149 raparigas, 71 (47,7%) afirmam que já agrediram e dos 130 rapazes, 55 (42,3%) também se identificam como agressores. Contudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,371$) entre os sexos feminino e masculino relativamente à agressão no *Bullying*, ou seja, nem os rapazes são mais agressores que as raparigas nem as raparigas são mais agressoras que os rapazes (Ver Gráfico 16).

Gráfico 16. Sexo dos Jovens Agressores de *Bullying*

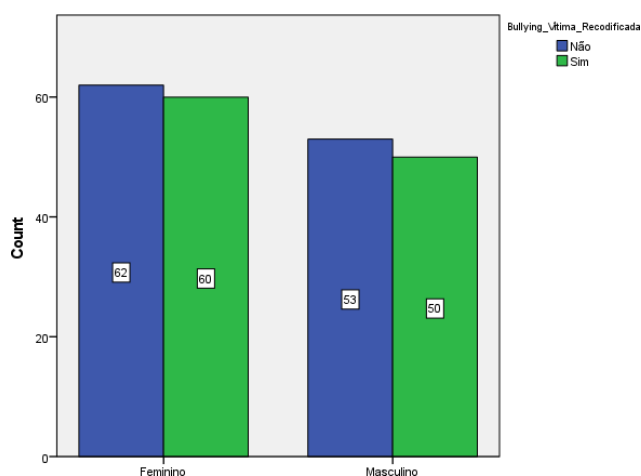


Fonte: Elaboração própria

4.5.1.2. Sexo dos Jovens Vítimas de *Bullying*

No que diz respeito ao sexo dos jovens vítimas de *Bullying*, das 122 raparigas, 60 (49,2%) afirmam que já foram vítimas e dos 103 rapazes, 50 (48,5%) também se identificam como vítimas. Contudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,924$) entre os sexos feminino e masculino relativamente à vitimização no *Bullying*, ou seja, nem os rapazes são mais vítimas que as raparigas nem as raparigas são mais vítimas que os rapazes (Ver Gráfico 17).

Gráfico 17. Sexo dos Jovens Vítimas de *Bullying*

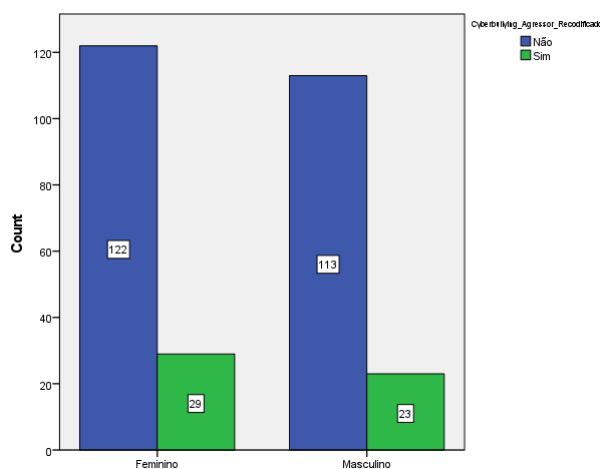


Fonte: Elaboração própria

4.5.1.3. Sexo dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Relativamente ao sexo dos jovens agressores de *Cyberbullying*, das 151 raparigas, 29 (19,2%) afirmam que já foram *Cyberagressoras* e dos 136 rapazes, 23 (16,9%) também se identificam como *Cyberagressores*. Contudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,614$) entre os sexos feminino e masculino relativamente à agressão no *Cyberbullying*, ou seja, nem os rapazes são mais *Cyberagressores* que as raparigas e nem as raparigas têm comportamentos mais agressivos que os rapazes (Ver Gráfico 18).

Gráfico 18. Sexo dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

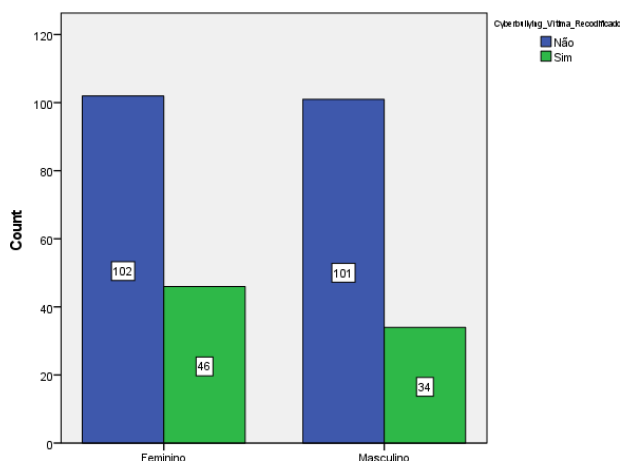


Fonte: Elaboração própria

4.5.1.4. Sexo dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

No que concerne ao sexo dos jovens vítimas de *Cyberbullying*, das 148 raparigas, 46 (31,1%) afirmam que já foram *Cybervítimas* e dos 135 rapazes, 34 (25,2%) também se identificam como *Cybervítimas*. Contudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,271$) entre os sexos feminino e masculino relativamente à vitimização no *Cyberbullying*, ou seja, nem os rapazes são mais *Cybervítimas* que as raparigas nem o contrário (Ver Gráfico 19).

Gráfico 19. Sexo dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*



Fonte: Elaboração própria

4.5.2. Idade

4.5.2.1. Idade dos Jovens Agressores de *Bullying*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($t(278)=2,600$; $p=0,010$) relativamente à idade em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os estudantes agressores são mais novos ($M=12,29$; $DP=2,04$) do que os não agressores ($M=12,91$; $DP=1,93$).

4.5.2.2. Idade dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($t(223)=3,051$; $p=0,003$) relativamente à idade em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, os estudantes vítimas são mais novos ($M=12,35$; $DP=2,00$) do que aqueles que não o são ($M=13,16$; $DP=1,94$).

4.5.2.3. Idade dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,666$) relativamente à idade em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos de idade.

4.5.2.4. Idade dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

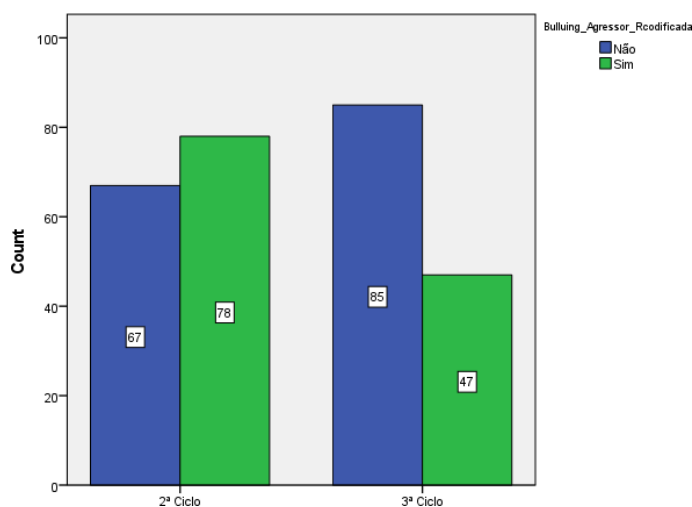
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,199$) relativamente à idade em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos de idade.

4.5.3. Ciclo de Estudos

4.5.3.1. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de *Bullying*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($X^2(1)= 9,230$; $p=0,002$) relativamente ao ciclo de estudos em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os estudantes do 2º ciclo revelaram ter mais comportamentos de agressão ($n=78$; 28,2%) do que os estudantes do 3º ciclo ($n=47$; 17,0%) (Ver Gráfico 20).

Gráfico 20. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de *Bullying*

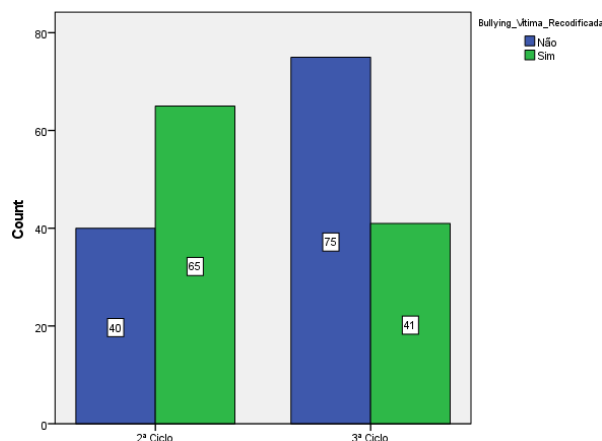


Fonte: Elaboração própria

4.5.3.2. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($X^2(1)= 15,577$; $p=0,000$) relativamente ao ciclo de estudos em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, os estudantes do 2º Ciclo revelaram ser mais vítimas de *Bullying* ($n=65$; 29,4%) do que os estudantes do 3º ciclo ($n=41$; 18,6%) (Ver Gráfico 21).

Gráfico 21. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de *Bullying*



Fonte: Elaboração própria

4.5.3.3. Ciclo de Estudos dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,716$) relativamente ao ciclo de estudo em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos de ciclo de estudo.

4.5.3.4. Ciclo de Estudos dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,96$) relativamente ao ciclo de estudo em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos de ciclo de estudo.

4.5.4. Reprovações

4.5.4.1. Reprovações dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,801$) relativamente ao número de reprovações escolares em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do número de reprovações escolares.

4.5.4.2. Reprovações dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,349$) relativamente ao número de reprovações escolares em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do número de reprovações escolares.

4.5.4.3. Reprovações dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,530$) relativamente ao número de reprovações escolares em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos do número de reprovações escolares.

4.5.4.4. Reprovações dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

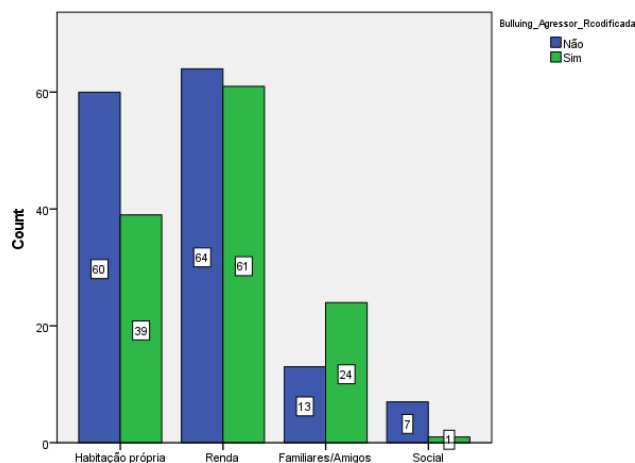
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,514$) relativamente ao número de reprovações escolares em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as *Cyber vítimas* não se diferenciam das não *Cyber vítimas* em termos do número de reprovações escolares.

4.5.5. Tipo de Residência

4.5.5.1. Tipo de Residência dos Jovens Agressores de *Bullying*

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($X^2(3)= 11,010$; $p=0,012$) relativamente ao tipo de residência em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os estudantes que residem em habitação arrendada são os que mais agridem ($n=61$; 22,7%) comparativamente aos estudantes que residem em habitação própria ($n=39$; 14,5%), com familiares/amigos ($n=24$; 8,9%) e social ($n=1$; 0,4%) (Ver Gráfico 22).

Gráfico 22. Tipo de Residência dos Jovens Agressores de *Bullying*



Fonte: Elaboração própria

4.5.5.2. Tipo de Residência dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,316$) relativamente ao tipo de residência em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos de tipo de residência.

4.5.5.3. Tipo de Residência dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,283$) relativamente ao tipo de residência em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos de tipo de residência

4.5.5.4. Tipo de Residência dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,371$) relativamente ao tipo de residência em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos de tipo de residência.

4.5.6. Número de Pessoas que Compõem o Agregado Familiar

4.5.6.1. Agregado Familiar dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,513$) relativamente ao número de pessoas que compõem o agregado familiar em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do número de pessoas que compõem o agregado familiar.

4.5.6.2. Agregado Familiar dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,429$) relativamente ao número de pessoas que compõem o agregado familiar em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do número de pessoas que compõem o agregado familiar.

4.5.6.3. Agregado Familiar dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,377$) relativamente ao número de pessoas que compõem o agregado familiar em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos do número de pessoas que compõem o agregado familiar.

4.5.6.4. Agregado Familiar dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,928$) relativamente ao número de pessoas que compõem o agregado familiar em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do número de pessoas que compõem o agregado familiar.

4.5.7. Remuneração Familiar Mensal

4.5.7.1. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,432$) relativamente à remuneração familiar mensal em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos da remuneração familiar mensal.

4.5.7.2. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,103$) relativamente à remuneração familiar mensal em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos da remuneração familiar mensal.

4.5.7.3. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,399$) relativamente à remuneração familiar mensal em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos da remuneração familiar mensal.

4.5.7.4. Remuneração Familiar Mensal dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,397$) relativamente à remuneração familiar mensal em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos da remuneração familiar mensal.

4.5.8. Consumo de Bebidas Alcoólicas

4.5.8.1. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,088$) relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do consumo de bebidas alcoólicas.

4.5.8.2. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,132$) relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do consumo de bebidas alcoólicas.

4.5.8.3. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,625$) relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos do consumo de bebidas alcoólicas.

4.5.8.4. Consumo de Bebidas Alcoólicas dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,556$) relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as *Cybervítimas* não se diferenciam das não *Cybervítimas* em termos do consumo de bebidas alcoólicas.

4.5.9. Consumo de Drogas

4.5.9.1. Consumo de Drogas dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,230$) relativamente ao consumo de drogas em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do consumo de drogas.

4.5.9.2. Consumo de Drogas dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,292$) relativamente ao consumo de drogas em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do consumo de drogas.

4.5.9.3. Consumo de Drogas dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,339$) relativamente ao consumo de drogas em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos do consumo de drogas.

4.5.9.4. Consumo de Drogas dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,884$) relativamente ao consumo de drogas em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as *Cybervítimas* não se diferenciam das não *Cybervítimas* em termos do consumo de drogas.

4.5.10. Consumo de Medicamentos

4.5.10.1. Consumo de Medicamentos dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,360$) relativamente ao consumo de medicamentos em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do consumo de medicamentos.

4.5.10.2. Consumo de Medicamentos dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,737$) relativamente ao consumo de medicamentos em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do consumo de medicamentos.

4.5.10.3. Consumo de Medicamentos dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,515$) relativamente ao consumo de medicamentos em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os *Cyberagressores* não se diferenciam dos não *Cyberagressores* em termos do consumo de medicamentos.

4.5.10.4. Consumo de Medicamentos dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,762$) relativamente ao consumo de medicamentos em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas de *Cyberbullying* não se diferenciam das não vítimas em termos do consumo de medicamentos.

4.5.11. Jogo *Online*

4.5.11.1. Jogo/Hábito de Jogo *Online* dos Jovens Agressores de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,192$) relativamente ao hábito de jogar a dinheiro *online* em função de ser ou não agressor de *Bullying*, ou seja, os agressores não se diferenciam dos não agressores em termos do hábito de jogar a dinheiro online.

4.5.11.2. Jogo/Hábito de Jogo *Online* dos Jovens Vítimas de *Bullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,956$) relativamente ao hábito de jogar a dinheiro *online* em função de ser ou não vítima de *Bullying*, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos do hábito de jogar a dinheiro online.

4.5.11.3. Jogo/Hábito de Jogo *Online* dos Jovens Agressores de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,091$) relativamente ao hábito de jogar a dinheiro *online* em função de ser ou não agressor de *Cyberbullying*, ou seja, os agressores de *Cyberbullying* não se diferenciam dos não agressores em termos do hábito de jogar a dinheiro *online*.

4.5.11.4. Jogo/Hábito de Jogo *Online* dos Jovens Vítimas de *Cyberbullying*

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p=0,556$) relativamente ao hábito de jogar a dinheiro *online* em função de ser ou não vítima de *Cyberbullying*, ou seja, as vítimas de *Cyberbullying* não se diferenciam das não vítimas em termos do hábito de jogar a dinheiro online.

Capítulo 5. Discussão dos Resultados

Para dar resposta à questão de partida, saber se as características sociodemográficas e comportamentais dos jovens da freguesia de Camarate têm impacto nas suas perceções sobre o *Bullying* e *Cyberbullying*, foram definidos dois objetivos gerais, caracterizar os comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* em jovens da freguesia de Camarate e compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta destes jovens nestes comportamentos.

Relativamente ao comportamento de *Bullying*, conclui-se que 45,4% dos jovens já se envolveu em comportamentos como agressores de *Bullying* (n=127) e 48,9% afirmam que já foram vítimas de *Bullying* (n=110).

Estes resultados estão de acordo com os relatados em 2021 pela PSP, mais precisamente pela Escola Segura que referem que, em 2020, 31% a 40% dos adolescentes portugueses com idades entre os 11 os 15 anos “confirmam ter sido intimidados na escola...”. Também em 2020, a UNESCO relatou, relativamente à amostra portuguesa, que 39% dos inquiridos relataram ter sofrido de *Bullying*. Contudo, os resultados do presente estudo parecem indicar que à medida que os anos passaram, este problema tem vindo a ganhar maior proporção (45,4% dos jovens já se envolveu em comportamentos como agressores de *Bullying* e 48,9% afirmam que já foram vítimas de *Bullying*). Esta perceção é sustentada num estudo de 2017, desenvolvido por Carvalho et al. junto de 1 635 alunos, em que nos principais resultados mostram que 9,3% dos jovens relataram sentir-se como vítimas (Carvalho et al., 2017). Estes resultados mais reduzidos em 2019, podem também ser explicados porque estudaram alunos do 3º ciclo ao secundário.

Desta forma, os resultados deste estudo revelam-se bastante preocupantes, desafiantes e potenciam verdadeiramente a necessidade de desenvolver e implementar intervenções urgentes neste domínio.

No que concerne ao comportamento de *Cyberbullying*, os resultados não são tão alarmantes, contudo, não deixam de ser preocupantes, sendo que 18,4% revelam que já foram *Cyberagressores* (n=53) e 28,3% afirmam que já foram vítimas de *cyber* agressão (n=89).

Também Ponte e Batista, em 2019, inquiriram 1 974 crianças e jovens a nível nacional e concluíram que 24% dos inquiridos afirmaram ter sido vítimas de *Bullying online* e *offline* no último ano. Referem que estes valores duplicaram em comparação a 2010 e 2014, logo que em 2019 o *Cyberbullying* estava presente em mais de um quinto dos adolescentes. Também em 2019, Costa inquiriu 1 135 alunos e verificou que 15,9% os alunos são *bullies* e que 13,6% da totalidade dos jovens sofreu agressões. A UNESCO referiu em 2020 que a proporção de jovens entre os 11 e os 16 anos que sofre de *Cyberbullying* tem aumentado consecutivamente, valores

constatados no mesmo estudo em 2012 (7%) e quatro anos depois, em 2016 (12%). Já durante o ano de 2020, António et al. realizaram um estudo com uma amostra de 485 jovens estudantes portugueses e verificaram que a maioria dos estudantes afirma já ter sido vítima de *Cyberbullying*, e que o mesmo aumentou no estado pandémico através de mensagens de conteúdo prejudicial e violento, contudo o *Cyberbullying* foi avaliado somente a partir de dois indicadores. Neste estudo, o *Cyberbullying* foi avaliado de forma global e 28,3% afirmam que já foram vítimas de *cyber* agressão e 18,4% que já foram *Cyberagressores*, logo os resultados continuam a crescer. Mais uma vez, desenvolver uma intervenção dirigida neste domínio, revela-se de fulcral significância. Isto porque, de acordo com a literatura, crianças com maior indício de vitimização por parte dos pares e jovens têm maior probabilidade de se tornarem *bullies*, tanto as vítimas como os agressores revelam uma maior taxa de comportamentos agressivos e anti sociais (Marques, 2017). Também, o facto do *Cyberbullying* compreender uma situação em que a vítima poderá não ficar exposta a só um grupo limitado de alunos, mas sim à agressão e humilhação de milhares de pessoas da rede mundial deve ser uma variável de extrema significância a ser tida em consideração. As repercussões, tal como identificadas por Caetano et al., 2016 (cit in Costa, 2019), a tristeza, a vingança e o medo, as emoções mais comuns nas vítimas, e a satisfação, a indiferença e o alívio as mais frequentes entre os agressores devem ser consideradas.

Existe ainda um estudo desenvolvido em 2022 por Gonçalves e Vaz que concluíram que durante a época de pandemia as situações de *Bullying* diminuíram, e em contrapartida, o *Cyberbullying* aumentou. Constataram também que existiu uma diminuição no número de vítimas e de testemunhas e que estes alteraram a forma de reação e de atuação perante as problemáticas. O que parecem ser resultados significativos a ter em consideração em estudos futuros.

Relativamente ao segundo objetivo geral, compreender que impacto têm as características sociodemográficas e de conduta dos jovens da freguesia de Camarate nos comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*, discutimos os resultados de seguida em função das características.

Quanto ao sexo, quer relativamente ao *Bullying* quer ao *Cyberbullying*, mais concretamente à agressão e à vitimização, não existem diferenças significativas de género, ou seja, nem os rapazes/raparigas são mais agressores/vítimas que as raparigas/rapazes.

Estes resultados divergem dos dados apresentados em 2019, por Costa que concluiu que os rapazes são mais tendenciosos a manifestar comportamentos agressivos, influenciando

negativamente os seus comportamentos. Também divergem dos resultados apresentados no âmbito do Programa Escola Segura (ano letivo 2021/2022) (GNR, 2023), referindo que a maior incidência se revela no sexo masculino; dos resultados da UNESCO (2020), no que respeita à amostra portuguesa, que também identificam o sexo masculino; dos resultados apresentados em 2020 pela equipa de António que verificaram que os estudantes do *sexo* masculino demonstraram maiores níveis médios de vitimização e agressão por *Cyberbullying* (Costa, 2019). Já, de acordo com os últimos dados do Observatório nacional do *Bullying* relativos ao ano de 2020, das 407 denúncias que foram efetuadas, a maioria delas relatava as raparigas enquanto vítimas (n=307). Logo, na literatura não parece haver consenso relativamente à influência das questões de género nos comportamentos de *Bullying* quer ao *Cyberbullying*, tal como revelado neste estudo, que não encontrou diferenças significativas de género, ou seja, nem os rapazes/raparigas são mais agressores/vítimas que as raparigas/rapazes. Será de ter em consideração em estudos futuros que, se avaliado o *bullying* por tipos (eg., físico, psicológico) e o *Cyberbullying* (*flaming*; assédio *online*; perseguição no ciberespaço; denigração; dissimulação; *outing*; exclusão), estas diferenças se revelem significativas.

Relativamente à idade, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas somente no que diz respeito ao *Bullying*, sendo que os estudantes agressores são mais novos (M=12,29) do que os não agressores (M=12,91) e os estudantes que são vítimas são mais novos (M=12,35) do que os que não são vítimas (M=13,16). Quanto ao *Cyberbullying*, os agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/vítimas em termos de idade.

Estes resultados vão ao encontro dos dados apresentados no âmbito do Programa Escola Segura (ano letivo 2021/2022) (GNR, 2023), referindo que a faixa etária com maior preponderância de vítimas é dos 12 aos 15 anos. Contudo os resultados do presente estudo apontam para que este tipo de comportamento se revela cada vez mais cedo, quer como agressores quer como vítimas.

De acordo com os últimos dados do Observatório nacional do *Bullying* relativos ao ano de 2020, das 407 denúncias que foram efetuadas, a média de idades, tanto das raparigas como dos rapazes, vítimas ou ex-vítimas, de *Bullying* e *Cyberbullying*, vai de acordo com o presente estudo (M=12,35), ou seja, ronda os 12 anos de idade. Já relativo aos agressores, a média de idades aproximada das raparigas é de 13 anos e dos rapazes 12 anos, o que também se aproxima aos resultados do presente estudo (M=12,29).

De acordo Carvalho et al. (2017), o *Bullying* e as agressões frequentes revelaram maior incidência no primeiro ciclo e vão mudando de forma ao longo do percurso de educação escolar. Verificamos assim que apesar da idade não parecer ser um fator de diferença, tanto na agressão

como na vitimização, demonstra que a violência não escolhe idades e cada vez se inicia mais cedo.

No que diz respeito ao ciclo de estudos dos jovens agressores/vítimas de *Bullying*, as diferenças, quer ao nível da agressão quer da vitimização, foram estatisticamente significativas, ou seja, os estudantes do 2º ciclo revelaram ter mais comportamentos de agressão (28,2%) e são mais vítimas (29,4%) do que os estudantes do 3º ciclo (agressão 17,0% e vítimas 18,6%). O que vai ao encontro dos resultados relativos à idade alcançados no estudo. Já no que concerne ao *Cyberbullying*, os agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/não vítimas em termos de ciclo de estudo.

No que concerne às reprovações escolares, quer no *Bullying* quer no *Cyberbullying*, os agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/vítimas em termos do número de reprovações escolares.

Quanto ao tipo de residência dos jovens agressores de *Bullying*, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, sendo que os estudantes que residem em habitação arrendada são os que mais agridem (22,7%) comparativamente aos estudantes que residem em habitação própria (14,5%), com familiares/amigos (8,9%) e social (0,4%). Já, relativamente a ser ou não vítima de *Bullying*, não foram encontradas diferenças, ou seja, as vítimas não se diferenciam das não vítimas em termos de tipo de residência. Quanto ao *Cyberbullying*, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente ao tipo de residência em função de ser ou não agressor/vítima de *Cyberbullying* em termos de tipo de residência.

No que diz respeito ao número de pessoas que compõem o agregado familiar, esta não se revelou significativa, ou seja, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente ao número de pessoas que compõem o agregado familiar em função de ser ou não agressor/vítima de *Bullying/Cyberbullying*.

Quanto à remuneração familiar mensal dos jovens agressores/vítimas de *Bullying/Cyberbullying*, esta também não se revelou significativa, ou seja, agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/vítimas em função desta característica.

No que diz respeito aos consumos de bebidas alcoólicas, de drogas e de medicamentos dos jovens agressores/vítimas de *Bullying/Cyberbullying*, não se encontram diferenças significativas, ou seja, agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/vítimas em termos do consumo de bebidas alcoólicas, drogas e de medicamentos.

Quanto ao jogo/hábito de jogo *online* dos jovens agressores/vítimas de *Bullying/Cyberbullying*, esta também não se revelou significativa, ou seja, agressores/vítimas não se diferenciam dos não agressores/vítimas em termos de jogo/hábito de jogo *online*.

Quanto às reprovações escolares, tipo de residência, número de pessoas que compõem o agregado familiar, remuneração familiar mensal, consumos de bebidas alcoólicas, de drogas e de medicamentos e ao jogo/hábito de jogo *online* dos jovens agressores/vítimas de *Bullying/Cyberbullying* não foi encontrada literatura para sustentar, discutir os resultados do presente estudo.

De acordo com a literatura, o *Bullying* e o *Cyberbullying* têm impacto na vida de quem o faz, o sente, e o vê. É na adolescência que se processa a construção de identidade. É nesta fase que os jovens procuram a realização pessoal, sentir-se bem com o seu corpo, o desenvolvimento intelectual, e sentir-se bem emocionalmente, procurando frequentemente o reconhecimento por parte das pessoas significativas presentes na sua vida (Sawaia & Silva, 2015).

O *Bullying* e *Cyberbullying* não são comportamentos passageiros. Acarretam sofrimento e distintos efeitos secundários, tais como, dificuldade de aprendizagem, alteração da rotina, ansiedade e depressão. Os estudos revelam que cada vez existem mais jovens, envolvidos em comportamentos de *Bullying* e o *Cyberbullying* que necessitam de apoio psicológico, de tratamento médico, com comportamentos de risco de suicídio e alguns chegam mesmo a ser hospitalizados em estado crítico. Este tipo de violência tem e deve ser denunciado para que seja impedido, resolvido e para que os intervenientes tenham a devida ajuda.

De acordo com Caetano et al., 2016 (cit in Costa, 2019), existem grandes diferenças entre as emoções experienciadas pelas vítimas e aquelas que são sentidas pelos agressores, o que pode ser um indício da falta de empatia dos agressores e requer o desenvolvimento de uma educação emocional dos jovens. Situação para a qual apelamos a necessidade de futuros estudos. A UNESCO referiu, em 2020, a necessidade de projetar medidas que promovam valores como a empatia e a preocupação pelo outro, implementando políticas educacionais que promovam o bem-estar escolar. António et al. (2020) sensibilizaram para a necessidade de se criarem respostas para esta problemática, onde os jovens se possam apoiar e recorrer para evitar consequências mais graves. Também Gonçalves e Vaz, apelaram em 2022 para a necessidade de tomada de medidas urgentes de combate a esta problemática.

Corroboramos estas necessidades e apelamos para a urgência de medidas concretas pois o fenómeno, apesar de se terem desenvolvido, de forma avulsa, algumas medidas profiláticas, continua a aumentar e as repercussões são improrrogáveis.

Conclusão

A presença de comportamentos de *Bullying* e de *Cyberbullying nos jovens da freguesia de Camarate é preocupante*, 45,4% já se envolveu em comportamentos como agressor de *Bullying*, 48,9% já foram vítimas de *Bullying*, 18,4% revelam que já foram *Cyberagressores* e 28,3% afirmam que já foram vítimas de *cyber* agressão. Assim, conceptualizar e promover uma intervenção dirigida junto destes jovens revela-se fundamental.

Para conceptualizar esta intervenção deve-se ter em consideração que para praticar/ser vítima de *Bullying/Cyberbullying* não parecem ser determinantes as características de género, o número de reprovações, o número de pessoas que compõem o agregado familiar, a remuneração familiar mensal dos jovens, o facto de consumirem ou não bebidas alcoólicas, drogas e medicamentos, nem o hábito de jogo *online*.

Contudo, deve ser tido em consideração que os estudantes agressores e vítimas de *Bullying* são os mais novos (2º ciclo), logo a intervenção deve ter início o mais precocemente possível. Também o facto dos estudantes que residem em habitação arrendada serem os que mais agredem/*Bullying* (22,7%) comparativamente aos estudantes que residem noutras tipologias de habitação deve ser uma característica a considerar na conceptualização e implementação de programa(s) de intervenção no domínio da prevenção e/ou combate ao *Bullying/Cyberbullying*.

Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escolas de Camarate (2021). <http://www.aec.edu.pt/>
- Alcantara, S., González-Carrasco, M., Montserrat, C., Casas, F., Viñas-Poch, F., & Abreu, D. (2019). Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: Suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(2), 509-522. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.013020171>
- António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). *Cyberbullying em Portugal durante a pandemia do COVID-19. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL, ISCTE-IUL)*.
<https://ciencia.iscteul.pt/publications/files/private/deffa87e217ae129586ff95bed171a6>
- Araújo, E. R., & Matos, P. (2019). Comunicação e sociedade. Tempo e média, *Comunicação e sociedade*, 35. <https://hdl.handle.net/1822/60745>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2023). *Crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. APAV. https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2014.pdf
- Barros, J. P., & Bessa, L. (2021). *Violência escolar e patologização infanto-juvenil: Violência nas escolas Bullying*. Bertrand Editora.
- Bazzo, J. (2020). Na captura de uma agência astuciosa: Lições de uma etnografia com crianças sobre usos da noção de bullying. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 20(2), 248-258. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2020.2.31448>
- Caetano, A. P., Freire, I., Simão, A. M. V., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016). Emoções no *Cyberbullying*: Um estudo com adolescentes portugueses. *Educação e Pesquisa*, 42, 199-212. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>
- Câmara Municipal de Loures (2022). <https://www.cm-loures.pt/>
- Carvalho, A.C., Cussecala, A., Martins, C., Cardoso, C., Lopes, D., Gato, F., Mimoso, H., Costa, M.J., & Ferreira, M. (2017). *Bullying* ou conflito entre pares? Incidentes, características da vítima e impacto psicológico. *Journal of Studies and Research in Psychology and Education*, 2, 69-76. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.02.2693>
- Coelho, V. A., & Romão, A. M. (2018). The relation between social anxiety, social withdrawal and (cyber)*Bullying* roles: A multilevel analysis. *Computers in Human Behavior*, 86, 218-226. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.04.048>
- Coelho, V. A, Sousa, V., & Marchante, M. (2018). Positive transition to middle school: A
- Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa - Instituto de Serviço Social

- multilevel model analysis of a Portuguese school adjustment program. *Journal of Positive Behavior Interventions*, 20(3), 160-171.
<https://doi.org/10.1177/1098300717750872>
- Costa, T. (2019). *Risco comportamental, comportamentos de Bullying e Cyberbullying e resiliência: Estudo das relações e processos de interação numa amostra de adolescentes* [Master's thesis, Universidade do Minho]. Repositório Científico da Universidade do Minho}. <http://hdl.handle.net/1822/63431>
- Deviet, M. (2018). Fuzzy based genetic operators for cyberbullying detection using social network data. *International Journal of Scientific Research in Computer Science, Engineering and Information Technology*, 437-444.
<https://ijsrcseit.com/paper/CSEIT1833243.pdf>
- Dias, P. C., & Cadime, I. (2017). Protective factors and resilience in adolescents: The mediating role of self-regulation. *Psicologia Educativa*, 23(1), 37-43.
<https://doi.org/10.1016/j.pse.2016.09.003>
- Escola Secundária de Camarate (2022). <http://www.aec.edu.pt/>
- Faria, C. (2015). *Quando a agressão virtual coloca em risco a vida real: Cyberbullying, perceção do suporte social e ideação suicida* [Master's thesis, ISPA- Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório do ISPA.
<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3989/1/22689.pdf>
- Fernandes, L., Seixas, S. & Morais, T. (2016). *Cyberbullying - um guia para pais e educadores*. Plátano Editora. <https://pt.scribd.com/document/553023432/249-1-1211-1-10-20181104>
- Ferreira, E. P. (2018). *As crianças e o bullying: A relação do estatuto socioprofissional dos pais e a diferença entre géneros* [Master's thesis, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório da Universidade Autónoma de Lisboa.
<http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3778/1/Disserta%20a7%20a3o.pdf>
- Field T. (2018). Cyberbullying: A narrative review. *Journal of Addiction Therapy and Research*, 10-27. <https://www.communitymedjournal.com/articles/jatr-aid1007.pdf>
- Figueiredo, F. & Matos, A. (2017). Agressão apoiada pelas tecnologias: O Cyberbullying e o autoCyberbullying, *Revista Interações*, 13(45), 119-150.
<https://doi.org/10.25755/int.7137>
- Fortin, M. (2009). *O processo de investigação: Da conceção à realização* (5ªEd.). Lusociência.

- Freire, I., Simão, A. V., & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: Um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Gil, A. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Editora Atlas.
- Guarda Nacional Republicana (2023). <https://www.gnr.pt/>
- Gonçalves, V., & Vaz, C. E. A. (2022). Bullying e cyberbullying: Um estudo em tempos de pandemia. *Revista EDaPECI: Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais*, 22(2), 36-54. <http://hdl.handle.net/10198/25828>
- Guerreiro, A., Teixeira, A., Dias, A., Pontedeira, C., Cordeiro, J., Magalhães, M., & Mendes, T. (2017). *Violência no namoro: Resultados nacionais apontam a gravidade do problema*. União de Mulheres Alternativa e Reposta (UMAR).
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2017). Cultivating youth resilience to prevent *Bullying* and Cyberbullying victimization. *Child Abuse e Neglect*, 73, 51-62. <https://doi.org/10.1017/S095457941300059X>
- Hunt, T. K., Slack, K. S., & Berger, L. M. (2017). Adverse childhood experiences and behavioral problems in middle childhood. *Child Abuse e Neglect*, 391-402. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.11.005>
- Instituto Nacional de Estatística (2022). https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main
- International Business Machines (2021). <https://www.ibm.com/uk-en>
- Liebenberg, L., Sylliboy, A., Davis-Ward, D., & Vincent, A. (2017). Meaningful engagement of indigenous youth in PAR: The role of community partnerships. *International Journal of Qualitative Methods*, 1-16. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1609406917704095>
- Lopez, R., Amaral, A. F., Ferreira, J., & Barroso, T. (2011). Fatores implicados no fenómeno de Bullying em contexto escolar: revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, 3, 153-162. <https://scielo.pt/pdf/ref/vserIIIIn5/serIIIIn5a16.pdf>
- Luthar, S. S. (2015). Resilience in development: A synthesis of research across five decades. *Developmental Psychopathology. Risk, Disorder, and Adaptation*, 3, 739-795. <https://doi.org/10.1002/9780470939406.ch20>
- Marques, A. (2017). *Jogo de luta e Bullying no recreio escolar. Como distinguir entre jogo de luta e luta a sério no recreio escolar para uma intervenção consciente*. Novas Edições Académicas.
- Marques, A. (2021a). *Interrelações entre bullying, autoconceito e empatia: Um estudo*

- exploratório numa Escola TEIP* [Master's thesis, Universidade Católica Portuguesa].
Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.
<http://hdl.handle.net/10400.14/35275>
- Marques, A. (2021b). *Inter-relações entre bullying, autoconceito e empatia: Um estudo exploratório numa escola TEIP* [Master's thesis, Universidade Católica Portuguesa].
Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa].
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/35275/1/202750647.pdf>
- Matos, L. P., & Lemgruber, K. P. (2017). A adolescência sob a ótica psicanalítica: Sobre o luto adolescente e de seus pais. *Psicologia e Saúde em Debate*, 124-145.
<https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2N2A8>
- Matos, M.G. & Equipa Aventura Social (2018). *A saúde dos adolescentes portugueses após a recessão*. Relatório do estudo Health Behaviour in School Aged Children (HBSC).
Aventura social www.aventurasocial.com
- Montalvão, N. M. (2015). *Cyberbullying: Caracterização do fenómeno em Portugal*. [Master's thesis, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho.
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40722/1/Nuno%20Manuel%20Martins%20Montalv%c3%a3o.pdf>
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A., Correia, A., Topa, A., & Silva, E. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas - 2017/2019*. Associação Plano i. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Observatório Nacional do Bullying (2020). <https://www.associacaoplanoi.org/>
- Olweus, D. (2013). School *Bullying*: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 751–780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
- Organização Mundial de Saúde (2013). <https://www.who.int/pt/about>
- Pequeno, M. (2016). Violência e direitos humanos. *Revista de Filosofia Aurora*, 135-146.
10.7213/aurora.28. 043.DS07
- Pessoa, T., Matos, A., Amado, J., Freire, I., & Caetano, A. P. (2017). *Cyberbullying entre adolescentes y jóvenes portugueses. Comunicación y Pedagogía: Inclusión y TIC* (pp. 297-298), 1-18.<http://hdl.handle.net/10400.2/9920>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (3rd ed.). Edições Sílabo.

- Ponte, C. & Batista, S. (2019). EU kids online Portugal. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos). *EU Kids Online and NOVA FCSH*. www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documentos/
- PORDATA (2021). Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://www.pordata.pt/pt/pordata>
- Polícia de Segurança Pública (2023). <https://www.psp.pt/Pages/homePage.aspx>
- Ribeiro, O., Santos, A. J., Freitas, M., Correia, J. V., & Rubin, K. (2015). O retraimento social em adolescentes: Um estudo descritivo do seu ajustamento sócio-emocional segundo a perspectiva dos professores. *Temas em psicologia*, 23(2), 255-267. <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751491002.pdf>
- Rodrigues, M. (2017). *Violência doméstica e envolvimento parental na escola: Perspetivas de mães e filhos*. [Master's thesis, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona]. Repositório da Universidade Lusófona. <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/8756>
- Sanders, J., Munford, R., Thimasarn-Anwar, T., & Liebenberg, L. (2017). Validation of the child and youth resilience measure on a sample of at-risk. New Zealand youth. *Research on Social Work Practice*, 827-840. <https://doi.org/10.1177/1049731515614102>
- Sawaia, B. B., & Silva, D. N. (2015). Pelo reencantamento da psicologia: Em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano. *Revista CEDES- Centro de Estudos Educação e Sociedade*, 343-360. <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015V35ESPECIAL154115>
- Seixas, S., Fernandes, L., & Morais, T. (2016). *Cyberbullying: Um guia para pais e educadores*. Plátano Editora
- Silva, S. E. (2016). Prosocial tendencies measure adaptation: A Portuguese contribute for the heroic imagination project. [Master's thesis, Universidade Católica: Porto] Repositório da Universidade Católica do Porto. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22344/1/Sara>
- Teixeira, A. (2015). *Violência física no namoro em jovens universitários*. [Master's thesis, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro]. Repositório Ubibliorum. <http://hdl.handle.net/10400.6/5311>
- Tofi, M. M., Farrington, D. P., Piquero, A. R., Lösel, F., DeLisi, M., & Murray, J. (2016). Intelligence as a protective factor against offending: A meta-analytic review of prospective longitudinal studies. *Journal of Criminal Justice*, 4-18. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2016.02.003>
- Trevisol, M. T., Pereira, B., Pies, D., & Mattana, P. (2018). A promoção de manifestações de Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa - Instituto de Serviço Social

- Bullying na escola: Posicionamento dos alunos adolescentes portugueses. Revista E-Psi*, 38-51. <https://hdl.handle.net/1822/56757>
- UNESCO (2020). <https://www.unesco.org/en>
- Ungar, M. (2016). Which counts more: Differential impact of the environment or differential susceptibility of the individual? *British Journal of Social Work*, 1279-1289. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcw109>
- Vaz, C. (2020). Jogos *antiBullying*. A perceção dos professores e educadores portugueses. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitária*, 47-59. <http://hdl.handle.net/10198/23713>
- Viegas, C. S. A. C. (2017). *As vítimas de violência doméstica e os fenómenos do Stalking, Cyberstalking e do Bullying*. [Master's thesis, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório da Universidade Autónoma de Lisboa. <http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3855/1/Correc%20Disserta%20Catarina%20Viegas.pdf>
- Villa Gil, F. (2020). *El bullying que no cessa. Las bases de la violencia escolar*. Editorial Octaedro.
- Ybarra, M.L., Espelage, D.L., Mitchell, K.J. (2014). Differentiating youth who are bullied from other victims of peer-aggression: The importance of differential power and repetition. *Journal of Adolescents Health*, 55(2), 293–300. <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054139X14000895>
- Willard, N. E. (2007). The authority and responsibility of school officials in responding to Cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41, 564-565. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.013>
- Zych, I., Beltrán-Catalán, M., Ortega-Ruiz, R., & Llorent, V. J. (2018). Competencias sociales y emocionales de adolescentes involucrados en diferentes roles de Bullying y Cyberbullying. *Revista de Psicodidáctica*, 86–93.

Anexo

Anexo I. Questionário de *Bullying*, *Vitimação*, *Cyberbullying* e *Cyber-Vitimação*

Questionário de Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber_vitimação (QBVCV)
(Autores: Almeida, 1999; Almeida et al., 2012; Adaptação: Costa, 2019)

As perguntas abaixo referem-se a agressões intencionais que podem ocorrer cara a cara, mas também na internet, usando meios tecnológicos (telemóveis, computadores ou tablets). Estas agressões podem acontecer de forma direta e indireta; podem repetir-se poucas ou muitas vezes e manterem-se durante muito tempo. Além disso, incluem formas muito diversas, físicas, verbais, psicológicas ou relacionais. Humilhar, perseguir, intimidar, troçar publicamente ou envergonhar, dizer mal, insultar, bater, esmurrar, gozar, espalhar histórias falsas são abusos de poder. Nestas relações de poder, é difícil às vítimas defenderem-se ou evitarem as agressões. O uso das tecnologias propaga estas situações através dos meios digitais e pode também prolongar online o que tem origem cara a cara.

Instruções

Lê **atentamente as perguntas**. Por favor, **responde de forma verdadeira**. Não existem respostas certas ou erradas e as tuas **respostas** a este questionário são **absolutamente confidenciais**.

Avalia cada afirmação, colocando um **(X)** na **opção** que **traduz** o que **acontece contigo**. Assegura-te de que **respondeste a todas as questões**, devendo **optar apenas por uma** delas. Responde de acordo com as seguintes opções:

Obrigado pela tua colaboração!

nunca | Uma ou duas vezes | Duas ou três vezes por mês | Uma vez por semana | Quase todos os dias

PARTE A	Quase todos os dias	Uma vez por semana	Duas ou três vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca
1. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas nos últimos dois meses?					
2. Quantas vezes insultaste ou ofendeste verbalmente outros colegas nos últimos dois meses?					
3. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas ao excluí-los socialmente nos últimos dois meses?					
4. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com agressões físicas nos últimos dois meses?					
PARTE B	Quase todos os dias	Uma vez por semana	Duas ou três vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca
5. Quantas vezes é que outros colegas te insultaram ou ofenderam nos últimos dois meses?					
6. Quantas vezes é que outros colegas te insultaram ou ofenderam nos últimos dois meses?					

7. Quantas vezes é que outros colegas te insultaram ou ofenderam por te terem excluído socialmente nos últimos dois meses?					
8. Quantas vezes é que outros colegas te insultaram ou ofenderam com agressões físicas nos últimos dois meses?					

PARTE C	Quase todos os dias	Uma vez por semana	Duas ou três vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca
9. Quantas vezes insultaste ou ofendeste alguém com mensagens agressivas em frases, emails, vídeos ou fotos nos últimos dois meses?					
10. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas em chamadas telefónicas agressivas em ligações online, nos últimos dois meses?					
11. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas em chamadas telefónicas agressivas em ligações online, nos últimos dois meses?					
12. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com emails agressivos nos últimos dois meses?					
13. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com emails agressivos nos últimos dois meses?					
14. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com comentários públicos agressivos nos últimos dois meses?					
15. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas em mensagens instantâneas agressivas nos últimos dois meses?					
16. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com vídeos ou fotos agressivas nos últimos dois meses?					
PARTE D	Quase todos os dias	Uma vez por semana	Duas ou três vezes por mês	Uma ou duas vezes	Nunca
17. Quantas vezes insultaste ou ofendeste outros colegas com vídeos ou fotos agressivas nos últimos dois meses?					
18. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido por receberes chamadas telefónicas agressivas em ligações online, nos últimos dois meses?					
19. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido por receberes mensagens agressivas escritas nos últimos dois meses?					
20. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido por receberes emails agressivos nos últimos dois meses?					
21. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido ao participares em chats em que tiveram contigo conversas agressivas, nos últimos dois meses?					
22. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido ao participares em chats em que tiveram contigo conversas agressivas, nos últimos dois meses?					
23. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido por receberes mensagens instantâneas agressivas nos últimos dois meses?					
24. Quantas vezes te sentiste insultado ou ofendido por receberes vídeos ou fotos agressivas nos últimos dois meses?					

Apêndices

Apêndice I. Consentimento Informado

Solicitação de Autorização ao Encarregado de Educação

No âmbito do estudo para a Dissertação do **Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social**, realizado pela mestranda **Lara Sofia Vieira da Cunha**, na **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa**, viemos por este meio solicitar autorização do **Encarregado de Educação** do/a Aluno/a _____ para responder a questionário no âmbito da realização do estudo “**Bullying e Cyberbullying: Perspetivas dos jovens de Camarate**”.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do presente estudo, e serão anónimos e confidenciais.

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Obrigado pela sua colaboração,
Lara Sofia Vieira da Cunha (Email: *lara.sofia.cunha99@gmail.com*)

Camarate, janeiro de 2022

CONSENTIMENTO INFORMADO

Solicitação de Autorização ao Encarregado de Educação

No âmbito do estudo para a Dissertação do **Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social**, realizado pela mestranda **Lara Sofia Vieira da Cunha**, na **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa**, viemos por este meio solicitar autorização do **Encarregado de Educação** do/a Aluno/a _____ para responder a questionário no âmbito da realização do estudo “**Bullying e Cyberbullying: Perspetivas dos jovens de Camarate**”.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do presente estudo, e serão anónimos e confidenciais.

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Obrigado pela sua colaboração,
Lara Sofia Vieira da Cunha (Email: *lara.sofia.cunha99@gmail.com*)

Camarate, janeiro de 2022

Apêndice II. Pedido para Investigação em Instituição

Pedido para Investigação em Instituição

Assunto: Pedido para autorização de trabalho de investigação no âmbito do Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

**Ex.mo(a) Senhor(a) Diretor(a) da
Escola *E.B. 2,3 Mário de Sá Carneiro***

Relativamente ao assunto em epígrafe, venho pelo presente meio, solicitar a V.^a Ex.^a a possibilidade de realizar um estudo de natureza empírica na Escola *E.B. 2,3 Mário de Sá Carneiro*. O meu nome é **Lara Sofia Vieira da Cunha**, sou aluna de **Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social**, do **Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa**. Encontro-me a desenvolver o meu estudo de investigação no âmbito do Bullying e Cyberbullying, com o tema “**Bullying e Cyberbullying: Perspetivas dos jovens de Camarate**”.

A investigação é orientada pelo **Professor Doutor Miguel Oliveira Rodrigues**. A investigação tem como **objetivo geral** analisar as perceções que os jovens da freguesia de Camarate possuem sobre o Bullying e Cyberbullying. Como **objetivos específicos** foram estabelecidos os seguintes:

1. Caracterizar socio demograficamente os jovens estudantes da Escola *E.B. 2,3 Mário de Sá Carneiro*;
2. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Agressores de Bullying;
3. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Vítimas de Bullying;
4. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Agressores de Cyberbullying;
5. Analisar se os jovens se envolvem em comportamentos como Vítimas de Cyberbullying;
6. Analisar se as características sociodemográficas dos jovens retratam diferentes envolvimentos face a agressor/vítimas de Bullying/Cyberbullying

Assim, venho solicitar a vossa colaboração no sentido de autorizar o **inquérito por questionário**, denominado de “**Questionário de Bullying, Vitimação, Cyberbullying e Cyber-Vitimação**” (questionário validado cientificamente), a todos os alunos da *E.B. 2,3 Mário de Sá Carneiro (2º Ciclo / 3º Ciclo / Cursos CEF)*.

Todas as informações recolhidas destinam-se exclusivamente ao estudo em curso e têm unicamente fins de investigação, respeitando as regras de confidencialidade.

Grata pela colaboração. Agradeço o tempo disponibilizado.
Ao dispor de V. Ex.^a para qualquer informação.

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

Camarate, 21 de janeiro de 2022

Aluna

(Lara Sofia Vieira da Cunha)

(Contacto telefónico: [REDACTED]; Email: lara.sofia.cunha99@gmail.com)

Orientador

(Miguel Oliveira Rodrigues)

(Contacto telefónico: [REDACTED]; Email: [REDACTED])

Apêndice III. Protocolo de Investigação em Instituição

Questionário Sociodemográfico

O meu nome é **Lara Sofia Vieira da Cunha** e encontro-me a realizar um estudo que se insere no âmbito do **Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social**, sob orientação do **Professor Doutor Miguel Oliveira Rodrigues**.

Gostaríamos de **perceber a tua opinião** relativamente a alguns aspetos sobre: **Bullying e Cyberbullying**.

A tua opinião é muito importante e por isso, pedimos-te que respondas com o máximo de sinceridade, pois **não existem respostas certas nem erradas**. Os **dados que forneceres serão confidenciais e anónimos**.

Agradecemos a tua participação!

Assinala com uma cruz (x) a resposta que for adequada ao teu caso, em relação às seguintes questões. Deves **selecionar apenas uma hipótese por questão**:

1. **Idade:** _____ anos
2. **Sexo:** Feminino Masculino
3. **Que ciclo de estudo estás a frequentar:** 2º Ciclo 3º Ciclo
4. **Alguma vez reprovaste?** Nenhuma 1 Vez 2 Vezes 3 ou mais Vezes
5. **Resides numa:** Habitação própria Renda Habitação própria Social
6. **Quantas pessoas compõem o teu agregado familiar** (além de ti)? _____
7. **Qual é aproximadamente a remuneração familiar mensal:**
 Abaixo do salário mínimo (-705 €) Acima do salário mínimo, mas inferior a 1000 €
 Entre 1001 € - 2000 € Mais de 2001 €
8. **Consumes, ou tens por hábito consumir bebidas alcoólicas?** Sim Não
9. **Consumes, ou tens por hábito consumir drogas?** Sim Não
10. **Consumes, ou tens por hábito consumir medicamentos** (sedativos, tranquilizantes ou hipnóticos)? Sim Não
11. **Jogas, ou tens por hábito jogar a dinheiro online?** Sim Não